

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
OTÁVIO FERRARI PIASKOWSKI

CARL MENGER E OS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA
ALEMÃ: DO ELOGIO À CRÍTICA

CURITIBA
2017

OTÁVIO FERRARI PIASKOWSKI

**CARL MENGER E OS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA
ALEMÃ: DO ELOGIO À CRÍTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito avaliativo parcial do 2º bimestre da disciplina de Pesquisa Histórica.

Professor Orientador: Dr. Pedro Leão da Costa Neto.

Professor da Disciplina: Ms. André Siqueira

CURITIBA

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu grande amigo, ou melhor, “pai acadêmico” Álvaro Urbanetz, por esses quatro anos de amizade construídos na graduação.

AGRADECIMENTOS

Antes de se iniciar esta seção, devemos pausar para um momento e desculpar pelos inevitáveis esquecimentos ao agradecer as pessoas que ajudaram neste trabalho.

Este trabalho não seria realizado sem meus pais, pelo seu amor e carinho. A eles todo o amor de meu coração.

Aos meus familiares, pelos inúmeros momentos inesquecíveis.

Ao meu grande amigo de infância, João Guilherme, pela grande amizade mantida até hoje...E para sempre.

Ao meu amigo Carlos Perez, também amigo de longa data.

A Viviane Zeni, coordenadora do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná, sempre de grande ajuda nos momentos mais difíceis.

Aos meus grandes amigos Ghabriel, Raphael, Helaine e Hamilton Curi pelas grandes lições de vida.

Aos meus amigos da Espírita, Léia e Rodrigo, vulgo “Templário”, pelos grandes momentos compartilhados no “Clube dos 5”.

A minha amiga de Tuiuti, Maria do Rocio, por sua grande amizade.

A Luciana Wolff Apolloni Santana, minha professora de História Medieval da Faculdade Espírita. Foi uma honra acompanhar, junto com meu amigo Álvaro, as últimas aulas de sexta-feira, durante o ano de 2013.

Ao meu orientador, Dr. Pedro Leão da Costa Neto. Desde 2014 tive o prazer de ser seu aluno, ouvir suas recomendações ao longo da iniciação científica e, acima de tudo, de ter tido uma grande amizade. Muito obrigado por tudo.

Finalmente, um agradecimento ao meu grande amigo Álvaro Urbanetz. Desde que entrei na graduação, em 2013, foi meu grande amigo e “pai acadêmico”. Quantos momentos, quantas risadas, quantos trabalhos feitos em dupla, quantos livros presenteados, quantas conversas sérias tivemos entre nós! Duvido que a faculdade teria sido tão proveitosa sem a tua presença do meu lado...Grande, Imenso, Gigantesco, Estratosférico obrigado a você! Foi uma honra ter feito a faculdade com você!

EPÍGRAFE

“Austrian Economics always was, and always will forever remain Mengerian Economics” (SALERNO, 1999, p. 71).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o tratamento dado por Carl Menger aos economistas da Escola Histórica Alemã nas décadas de 1870 e 1880, em suas obras "*Principles of Economics*" e "*Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*". Este estudo surgiu da necessidade de se ter uma melhor compreensão do surgimento da Escola Austríaca de Economia, fundada por Menger. Para tanto, foram utilizadas as observações de Max Weber acerca do método das ciências sociais, de modo a melhor compreender a obra de Carl Menger. Desta forma, na primeira obra, foram analisados os elementos pré-textuais da obra (dedicatória e prefácio) e pós textuais (apêndices); na segunda obra, por outro lado, foi analisada a obra em sua totalidade, de modo a compreender como foi construído o tratamento dos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia por parte de Carl Menger.

Palavras-Chave: Carl Menger; Tratamento; Escola Histórica Alemã de Economia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CONTEXTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE CARL MENGER	18
2.1. CARL MENGER NA ÁUSTRIA DO SÉCULO XIX.....	18
2.2. A TEORIA ECONÔMICA DE CARL MENGER	28
3. O TRATAMENTO DOS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ NA OBRA DE CARL MENGER	40
3.1 A ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ DE ECONOMIA	40
3.2 AS CONCEPÇÕES DE MENGER SOBRE A METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS.....	45
3.3 O TRATAMENTO DADO POR CARL MENGER AOS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que, a partir do início do século XXI, há um interesse cada vez maior pelos estudos e pelas publicações acadêmicas envolvendo áreas de estudo do pensamento da chamada “Escola Austríaca de Economia”.

Em termos gerais, estes estudos concentram-se nas áreas que são familiares a esta escola¹, isto é, o grande debate com economistas marxistas sobre a possibilidade econômica de um sistema socialista²; os estudos sobre as crises econômicas de 1929 e 2008³ e a visão política defendida por esta escola, em defesa do liberalismo político e da chamada “Sociedade Aberta”⁴.

A partir do exposto no parágrafo anterior, pode-se estabelecer que estas publicações tem origem em problemas que envolveram a escola ao longo do século XX, enquanto a história dos primórdios desta escola, e seus fundadores, são trabalhados apenas em livros que servem de introdução ao pensamento desta escola econômica, portanto, acaba contribuindo muito pouco para o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa envolvendo os fundadores desta escola⁵.

Desta forma, esta monografia procura preencher, minimamente, esta lacuna, uma vez que trabalhará com o tratamento dado por Carl Menger, fundador da Escola Austríaca de Economia, aos economistas da chamada “Escola Histórica Alemã de Economia”, em suas obras econômicas, tendo por base o debate conhecido, na história do pensamento econômico, como “*Methodenstreit*”, ou, em uma tradução para o português, a “Polêmica dos Métodos”.

Após esta breve referência ao estado dos trabalhos acadêmicos envolvendo

1 A título de curiosidade, estes temas são desenvolvidos, em sua maioria, pelos economistas austríacos Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, este último sendo inclusive laureado com o prêmio nobel de economia em 1974.

2 Este tema é desenvolvido de maneira brilhante na tese de doutorado, intitulada “História do debate do cálculo econômico socialista”, do economista Fábio Barbieri (2004).

3 Um exemplo deste tipo de trabalho, entre tantos outros, está na monografia de Diogo Valente Leal, que tem o nome de “A Bolha Imobiliária: A expansão artificial do crédito como fator determinante no seu surgimento segundo a visão austríaca dos ciclos econômicos (2010).

4 Tema que foi desenvolvido na tese de doutorado de Luiz Gustavo Martins Serpa, de título “A sociedade aberta e seus amigos: O conceito de sociedade aberta no pensamento político de Popper, Schumpeter, Hayek e von Mises, datada do ano de 2007.

5 São exemplos deste tipo de trabalho o livro “Economia do Indivíduo: o Legado da Escola Austríaca”, escrito por Rodrigo Constantino (2009) e a publicação de “O Essencial von Mises” (2010), escrito por Murray Rothbard. Não se pretende demonizar estes livros. Muito pelo contrário, tem um valor extremamente grande na apresentação do leitor que queira conhecer os pontos básicos defendidos por esta escola, por estarem apresentadas em uma linguagem acessível.

temas que são desenvolvidos pela escola austríaca de economia, é necessário fazer uma breve biografia de Carl Menger e do debate citado acima, de modo a não sacrificar a compreensão do leitor sobre o tema.

Carl Menger, nascido na cidade de Neu Sandez⁶ em 1840, foi um dos economistas mais famosos do século XIX. Isto se deve porque ele foi um dos três economistas (junto com William Stanley Jevons e León Walras) que reformaram um dos temas mais caros aos estudos econômicos desde Adam Smith: a Teoria do Valor (SCHUMPETER, 1954, p. 793). Tais contribuições aparecem na obra “Princípios de Economia Política”⁷, publicado no ano de 1871. Nela, Menger é muito agradecido aos economistas alemães por suas inspirações para a escrita da obra (MENGER, 2007, p. 52).

Além de sua fama na ciência econômica, Menger também foi um prestigiado intelectual e professor austríaco, por ter sido um dos tutores do príncipe austro-húngaro Rudolf, entre os anos de 1876 e 1878, e professor de economia na Universidade de Viena, entre os anos de 1879 e 1903 (SCHULAK e UNTERKÖFLER, 2011, p. 29-32).

Quatro anos depois de assumir a cadeira de economia na Universidade de Viena, Menger publica sua segunda obra, esta menos conhecida, sob o título “*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*”⁸. Neste livro, o autor adota um tom bastante agressivo para com seus pares alemães, e principalmente, sua metodologia para o estudo da economia. Segundo o historiador do pensamento econômico Eric Roll (1977, p. 299), Menger estava com este livro inaugurando o “Methodenstreit” ou, em sua tradução para o português, a “Polêmica do método”.

Em termos das ideias discutidas, este debate girou em torno do *método* pelo qual se estudava, e atingia, as leis econômicas. O lado dos economistas da escola histórica de economia, representada pelos eminentes economistas Wilhelm Roscher, Karl Knies, Bruno Hildebrand e Gustav Schmoller, defendia que, caso houvesse leis econômicas, estas seriam atingidas *exclusivamente* através de estudos históricos,

6 Hoje esta cidade possui o nome de Novy Sacz (SCHULAK e UNTERKÖFLER, op.cit, p. 29)

7 O título original da obra, na língua alemã, é “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”, enquanto o título, quando da tradução para a língua inglesa, teve como título “*Principles of Economics*”

8 Em sua tradução para o inglês, publicada pela Universidade de Nova Iorque em 1985, o título deste livro ficou “*Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to Economics*”. A partir desta tradução do inglês, o título em português seria escrito desta maneira: “Investigações sobre o Método das Ciências Sociais com uma referência especial à economia.”

de modo a compreender o desenvolvimento dos fenômenos de estudo da economia (ROLL, *ibid*, p. 298). Menger, por outro lado (1985, p. 38), acreditava que a “[...] economia é uma ciência teórica”⁹. Em outras palavras, a economia é uma ciência independente, que tem o objetivo de formular as leis que regem os fenômenos econômicos.

No entanto, a historiografia do debate não tem o foco voltado apenas para as ideias defendidas por ambos os lados, mas da maneira agressiva, com acusações pessoais de parte a parte, que eles conduziram este debate. Como muito bem resumiu o eminente economista Joseph Schumpeter (*op.cit*, p. 782), o debate é “[...] substancialmente uma história de energias desperdiçadas, que poderiam ter sido mais bem aproveitadas [para a solução dos problemas metodológicos da ciência econômica].”¹⁰.

Após este debate, Menger não publicou mais nenhum livro, com a exceção de seus artigos que estudam o fenômeno do dinheiro da economia (HAYEK, 2007, p. 32). Com a sua aposentadoria da Universidade, em 1903, o eminente economista austríaco viveu tranquilamente até a sua morte, em 1921, aos 81 anos de idade.

Passada esta breve contextualização sobre Carl Menger e o *Methodenstreit*, pode-se passar aos pontos centrais da introdução desta monografia, com a exposição da problemática, das fontes utilizadas e da metodologia de análise delas, dos referenciais teóricos e da divisão dos capítulos a serem escritos.

A problemática, ou seja, a pergunta-chave que esta monografia tentará responder é a seguinte: “De que maneira Carl Menger tratou os economistas da Escola Histórica de Economia em suas obras econômicas?”.

A princípio, o leitor pode estar se perguntando: Mas a historiografia do “*Methodenstreit*” já não cobre esta pergunta, ao enfatizar repetidamente a natureza agressiva do debate?

É exatamente por causa dessa visão historiográfica que a problemática foi construída, uma vez que ela cobre as obras *econômicas* de Carl Menger, o que leva a monografia a estender o período de análise para o período *anterior* ao debate, o que permitiria uma melhor compreensão do intelectual austríaco. Em outras palavras, com esta pesquisa, pode-se encontrar um tratamento diferente, dado por

9 Tradução livre do inglês: “[...] *economics is a theoretical science.*”

10 Tradução livre do inglês: “*substantially a history of wasted energies, which could have been put to better use.*”

Carl Menger, aos economistas alemães em cada uma de suas duas obras.

As fontes utilizadas neste trabalho são os dois livros publicados por Carl Menger em sua vida: o “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*” e o “*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*”, obras estas as quais já foram brevemente citadas anteriormente nesta introdução.

Sobre a primeira obra, esta foi publicada originalmente no ano de 1871, sob o título, no original alemão, “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”, em uma publicação da editora vienense “*Wilhelm Braumüller*”, com o próprio Menger pagando pelos custos da publicação (HÜLSMANN, 2007, p. 136). Já com relação ao segundo livro, este foi publicado originalmente sob o título “*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*”, no ano de 1883, pela editora “*Duncker & Humblot*” situada na cidade alemã de Leipzig. Percebe-se, de imediato, que as obras tem uma diferença de publicação de doze anos, certamente suficiente para se observar alterações no tratamento de certas pessoas e grupos nos dois livros.

A história de traduções é relativamente extensa, sobre a qual se encontram informações sobre as obras publicadas na língua inglesa, bem como algumas informações sobre as edições em língua alemã. Trataremos esta história das traduções de maneira separada, tratando as obras em ordem cronológica, ou seja, primeiro a obra “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”; e depois, a “*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*”.

Em língua alemã, esta obra possui apenas duas edições: a original, publicada em 1871; e a edição póstuma feita por seu filho, o matemático Karl Menger, publicada em 1923.

A razão para tal está no próprio Carl Menger, que atrasou continuamente a publicação de uma nova produção. Conforme observou Friedrich Hayek, na introdução ao “*Principles of Economics*” (op.cit, p. 27),

A principal razão para isto está [...] [no fato] que Menger se recusou a permitir tanto uma republicação ou mesmo uma tradução [para outras línguas]. Ele esperava substituir [o “*Principles*”] em um futuro próximo por um sistema muito mais elaborado 'sistema' econômico e ele era, de qualquer maneira, relutante ao ter a obra republicada sem uma considerável revisão. Mas outras tarefas reivindicaram sua atenção prioritária, e por anos

levaram a um contínuo atraso deste plano.¹¹

Ainda sobre este caso, Hayek (ibid, p. 28 e 32), cita dois possíveis casos em que se chegou mais perto de uma republicação em 1889, sob pressão de alguns discípulos e outra após sua aposentadoria da Universidade de Viena, ocorrida no ano de 1903, na qual ele estenderia sua análise para a realização de todo um tratado sobre a ciência econômica, sendo que o “*Principles*” era meramente a primeira parte. Segundo Hayek (ibid, p. 17), sabe-se que

[...] a segunda parte trataria de “juros, salários, arrendamentos, renda, crédito e papel moeda” uma terceira “aplicaria” parte da teoria de produção e comércio, enquanto uma quarta parte era para uma discussão e crítica do sistema econômico presente e propostas para uma reforma econômica.¹²

Tal plano de um tratado, contudo, nunca gerou frutos, levando apenas a especulações, como faz Hayek, que se baseia em manuscritos colhidos pelo filho de Menger para a nova edição do “*Principles*”, que foi publicada em 1923. Apesar de uma considerável procura na historiografia, não se acharam outros comentários envolvendo esta edição.

Além dessa segunda edição, outro fato ao se citar as publicações em língua alemã é a republicação, do original alemão e da primeira edição, feita pela *London School of Economics* entre os anos de 1933 e 1936, sendo que nesta republicação estão contidos, em quatro volumes¹³, todas as publicações acadêmicas e os livros escritos por Carl Menger¹⁴.

Sobre as publicações em língua inglesa, a primeira tradução foi feita no ano

11 Tradução livre do inglês: “*The main reason for this was simply [...] that Menger refused to permit either a reprint or a translation. He hoped to replace it soon by a much more elaborate “system” of economics and was, in any case, unwilling to have the work republished without considerable revision. But other tasks claimed his prior attention, and for years led to a continual postponement of this plan.*”

12 Tradução livre do inglês: “*that the second part was to treat “interest, wages, rent, income, credit, and paper money,” a third “applied” part the theory of production and commerce, while a fourth part was to discuss criticism of the present economic system and proposals for economic reform.*”

13 No primeiro volume, publicado em 1933, está a principal obra de Carl Menger, o “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”; No segundo volume, publicado também em 1933, a segunda obra de Menger, o “*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*”; No terceiro, publicado em 1935, contendo artigos sobre o método da ciência econômica e algumas biografias feitas por Menger, está reunido sob o título “*Kleinere Schriften zur Methode und Geschichte der Volkswirtschaftslehre*”; por fim, no quarto, publicado em 1936, contendo artigos envolvendo estudos sobre o dinheiro, tem o título “*Schriften über Geldtheorie und Währungspolitik*”.

14 Esta publicação da *London School of Economics* está facilmente disponível no site do *Ludwig von Mises Institute*: “<https://mises.org/library/collected-works-carl-menger-german-four-volumes>” (Acessado em 08/03/2017).

de 1950, ou seja, quase trinta anos após a morte do economista austríaco e quase oitenta anos após a sua publicação original. Em sua primeira publicação teve, além da introdução de Friedrich Hayek, publicada originalmente, em inglês, na republicação em alemão, uma introdução escrita por um dos mais famosos economistas norte americanos da época: Frank Knight, da Universidade de Chicago (SCHUMPETER, op.cit, p. 795).

A última publicação, em língua inglesa, de que se tem notícia é a publicação feita pelo *Ludwig von Mises Institute*, situado nos Estados Unidos da América, na qual contém a mesma tradução da primeira edição em língua inglesa, feita por James Dingwall e Bert Hoselitz, a introdução escrita por Hayek e um novo prefácio escrito por Peter Klein, economista da Universidade do Missouri. Será esta edição que será utilizada neste trabalho

Sobre a segunda obra, o "*Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*", a história de sua publicação em língua alemã é essencialmente a mesma. Ela não teve uma nova edição e foi republicada na mesma coleção que foi discutida acima.

Contudo, esta segunda obra tem uma história mais profunda em sua tradução para a língua inglesa. A primeira publicação inglesa desta obra ocorreu em 1963, sob o título "*Problems of Economics and Sociology*" (Em uma tradução para a língua portuguesa, lê-se "Problemas de Economia e Sociologia), e publicada pela Universidade de Illinois (SCHULAK e UNTERKÖFLER, op.cit, p. 204). Esta publicação, segundo Louis Schneider, na introdução a esta edição (1985, p. 3), é justificada pelo fato que "[...] nem economistas ou sociólogos que trabalham em língua inglesa prestaram uma atenção notável ao *Untersuchungen*."¹⁵. Com isso, Schneider conclui que esta obra auxiliaria na compreensão de problemas sociológicos tratados por Carl Menger, especialmente a questão da origem das instituições (ibid, p. 5).

O mais interessante, ao se tratar da tradução desta obra, é a sua segunda publicação, utilizada neste trabalho, feita pela Universidade de Nova Iorque no ano de 1985. Nesta publicação, são alterados o título da tradução, de modo a traduzir diretamente o título em alemão (WHITE, 1985, p. VII, nota 2). Aqui a questão da origem das instituições é ainda mais enfatizada, uma vez que, para Lawrence White,

15 Tradução livre do inglês: "*Neither economists nor sociologists working in the English language have paid any notable attention to the Untersuchungen*"

em sua introdução a edição da Universidade de Nova Iorque, (ibid, p. XVI), Menger é

[...] inquestionavelmente um [dos] maiores fomentadores e expositores [do conceito de ordem espontânea. [...] Se um nome para cada um dos últimos três séculos fosse escolhido para representar esta tradição de pensamento, esses nomes seriam: Adam Smith, Carl Menger e Friedrich Hayek¹⁶.

Desta forma, pode-se estabelecer tranquilamente que a origem desta tradução, e posterior republicação para a língua inglesa, surgiram devido à importância que este tema adquiriu na academia inglesa e norte-americana na segunda metade do século XX, principalmente por influência da obra de Friedrich Hayek.

Antes de se passar para a parte final do tratamento das fontes a serem trabalhadas nesta monografia, é necessário tentar estabelecer algumas diferenças quanto das traduções inglesas.

Na tradução da primeira obra, o "*Principles of Economics*", os tradutores (DINGWALL e HOSELITZ, 2007, p. 40) deixaram claro que, quando encarados com citações e referências de Menger a outras línguas que não o inglês, como o Francês, o Alemão e o Latim,

Nós preferimos deixar estas citações nas línguas originais da maneira em que foram dadas, mas fornecemos traduções para o inglês em notas de rodapé sempre que transparecia a necessidade de que uma tradução poderia ser útil.¹⁷

Desta forma, não é muito difícil afirmar que esta tradução tenta ser acessível ao leitor que não possui uma familiaridade com estas línguas, o que contribui com a compreensão da necessidade da citação fornecida por Menger.

Todavia, na tradução para a segunda obra, feita por Francis Jay Nock, não se encontra nenhuma tradução para essas línguas, essencialmente deixando o leitor, em algumas partes, à deriva na tentativa de buscar uma compreensão ou uma

16 Para explicar brevemente este conceito, que será tratado de uma maneira mais profunda ao longo dessa monografia, em Menger aparece na forma de uma pergunta (1985, p. 146): "*Como pode ser que instituições que servem ao bem comum e são extremamente significantes para o seu desenvolvimento surgem sem uma vontade comum dirigida ao estabelecimento dessas?*" (Grifo do Autor). Em outras palavras, significa que uma boa parte das instituições humanas, como por exemplo, o Estado, a Língua, a Lei e o Dinheiro, tiveram sua origem não por um ato legislativo ou um acordo entre as pessoas, mas são resultado de um longo processo sem, em qualquer parte deste, apresentar um plano consciente para a formação destas instituições.

17 Tradução livre do inglês: "*We have preferred to leave these quotations in the original languages in which they were given, but have supplied English translations in footnotes whenever it appeared that a translation might prove helpful.*"

tradução para tais trechos, o que prejudica enormemente a efetiva compreensão do que Menger pretendia com esses trechos. Certamente, a leitura da segunda obra, por esse fator, torna-se indubitavelmente mais difícil e complicada.

Antes de se passar para a próxima discussão, acerca da metodologia empregada na análise das fontes utilizadas neste estudo, deve-se fazer um esclarecimento: Entendeu-se, devido ao conhecimento ainda insatisfatório da língua alemã por parte do autor desta exposição, que se deveriam utilizar as duas fontes deste trabalho em suas traduções mais recentes da língua inglesa, de modo a não prejudicar a análise das fontes e a resposta à problemática estabelecida anteriormente nesta introdução.

Passando da descrição das fontes a um tratamento da metodologia empregada na análise das fontes, percebe-se que, em termos gerais, como a primeira obra de Carl Menger trata dos aspectos teóricos básicos para se estudar a ciência econômica, a melhor maneira de procurar a referência aos economistas da Escola Histórica Alemã é direcionar a atenção para os elementos pré-textuais que ele traz em seu livro, ou seja, a dedicatória e o prefácio do seu livro. Nesses dois, encontram-se os agradecimentos e a quem ele dedicou seu livro, o que pode ser de grande importância para a resposta da problemática supracitada. Além disso, o foco deve estar direcionado para as referências no texto e nas notas de rodapé, de modo a verificar se Menger cita os economistas da Escola Histórica Alemã, como por exemplo, Wilhelm Roscher, Karl Knies, Bruno Hildebrand e Gustav Schmoller, como autoridades em seus campos, ou se os critica.

Já na segunda obra, o foco deve ser direcionado para todos os componentes do texto, pois nesta obra, conforme já foi alertado, Carl Menger ataca de maneira direta os economistas alemães. Resta, a saber, nesta obra, de que maneira se dá o ataque e quais os argumentos apresentados por Menger para esse ataque.

Passada esta longa, mas necessária discussão sobre as fontes, sua descrição e metodologia de análise, pode-se passar a uma breve discussão sobre o referencial teórico que será utilizado para se obter uma perspectiva do procedimento a ser usado nesta monografia.

Como o tratamento de Menger aos economistas da Escola Histórica Alemã está intimamente ligado aos pressupostos metodológicos para a ciência econômica, torna-se imperativo obter certo conhecimento sobre a separação entre o

conhecimento histórico e o conhecimento teórico no âmbito da economia. E para este conhecimento, o contato com a produção teórica de Max Weber é indispensável.

Em seu longo artigo “Roscher e Knies e os problemas lógicos de Economia Política Histórica”¹⁸, publicado originalmente no ano de 1906, Weber trata justamente dessa separação, pois para ele “[...] é necessário lembrar que toda classificação e divisão das ciências são fundamentais para a classificação e a diferenciação dos conceitos científicos.” (2001, p. 5).

Ao diferenciar estas duas correntes de pensamento na economia (a teórica e a histórica), o eminente sociólogo observa que a primeira corrente de pensamento afasta-se da realidade, de modo a buscar um conhecimento mais geral sobre uma determinada categoria ou conceito econômico. Acerca deste ponto, Weber afirmou (ibid, p. 4):

Este procedimento leva, indiscutivelmente, a um afastamento contínuo e crescente da realidade empírica e concreta que, por toda parte, existe apenas com características de individualidade e particularidade. [...] O instrumento lógico e específico para alcançar este objetivo [...] é o uso de conceitos que possuem uma abrangência cada vez maior e, por isso, um conteúdo cada vez maior. O resultado deste procedimento é, logicamente, a constituição de um sistema formado por conceitos relacionais de validade universal (as leis).

Em essência, para Weber, a corrente teórica sacrifica uma compreensão profunda de fenômenos individuais e particulares para tentar chegar a um conhecimento dos elementos que compõem estes fenômenos, de modo a construir um sistema universal de conhecimento dentro da economia.

Para a corrente histórica, por outro lado, para o sociólogo alemão, possui como seu objetivo principal “[...] o conhecimento da realidade em sua particularidade qualitativa e característica em sua individualidade.” (ibid, p. 4). Em suma, nesta corrente, o historiador deve buscar o “essencial” acerca de tal acontecimento histórico. Sobre tal afirmação, Weber comentou (ibid, p. 4):

[Deve-se] separar aquilo que é essencial daquilo que é 'casual' ou

¹⁸ Observa-se que Weber está tratando diretamente do debate que Menger teve com os economistas da Escola Histórica Alemã. Contudo, por se tratar de um artigo que possui duas décadas de separação das diferentes publicações dos dois lados envolvidos, em sua maior parte agressivas e acusatórias, este possui um tom ameno, em busca da compreensão das diferenças entre Carl Menger e os historicistas.

'ocasional', isto é, aquilo que não tem significado. O essencial tem de ser representado plástica e conscientemente e, além disso, o individual e o particular devem ser colocados numa conexão universal capaz de fazer com que se percebam, de maneira clara e transparente, as relações entre 'causas' e 'efeitos'.

Por consequência, através dessas citações acima, pode ser seguro afirmar que a corrente histórica segue em uma direção diferente daquilo que caminha a corrente teórica, uma vez que privilegia uma “abrangência” cada vez menor, em troca de um “conteúdo” cada vez maior, através da compreensão de acontecimentos em sua individualidade.

Dessa forma, pode-se resumir que a leitura de Max Weber contribui para uma apreensão dos aspectos que tratam das *ideias* defendidas por cada um dos lados que travaram a polêmica dos métodos ou, como já foi referenciado anteriormente, o “*Methodenstreit*”.

De maneira a encerrar esta introdução, cabe aqui uma breve exposição do que será tratado nos capítulos que compõem este estudo.

Em termos gerais, esta pesquisa foi dividida em dois capítulos. O primeiro destes capítulos tem como objetivo geral fazer uma contextualização do ambiente em que Carl Menger desenvolveu seus trabalhos, no âmbito universitário e acadêmico.

Em outras palavras, este capítulo terá seu foco voltado, em sua primeira parte, a uma descrição do ensino de economia na Universidade de Viena, bem como a influência de um professor universitário no desenvolvimento de uma escola de pensamento, sempre tendo Menger como um norte para esta discussão. Já na segunda parte, o foco será direcionado para uma breve exposição das obras econômicas do economista austríaco e de suas contribuições para a teoria do valor econômico no contexto da chamada “Revolução Marginalista”.

No segundo capítulo, a sua primeira parte aproxima-se mais da resposta da problemática, ao trabalhar com um breve tratamento da Escola Histórica Alemã de Economia, com seus principais autores e algumas de suas principais ideias. Na segunda parte do capítulo, as ideias metodológicas de Carl Menger terão certo destaque, de maneira a compreender o motivo de suas discordâncias com os economistas da Escola Histórica.

Por fim, a terceira parte deste capítulo se ocupará de uma análise das obras econômicas de Carl Menger de modo a encontrar nelas o tratamento dado por ele

aos economistas da Escola Histórica, sejam elas agressivas ou elogiosas. Deve-se sempre frisar que as fontes citadas possuem uma separação de doze anos entre suas publicações, o que contribui decisivamente para que os silêncios, omissões e mudanças de postura por parte do economista austríaco possam vir à tona, o que irá cooperar para uma melhor compreensão desta importante figura da ciência econômica do século XIX.

2. CONTEXTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE CARL MENGER

Este primeiro capítulo tratará da conjuntura em que viveu Carl Menger, isto é, primeiramente, uma descrição da Universidade de Viena ao final do século XIX; posteriormente, do contexto do desenvolvimento da ciência econômica de sua época. Este estudo dessa conjuntura é fundamental para compreender, futuramente o tratamento que Carl Menger dará aos seus pares alemães da Escola Histórica Alemã de Economia.

Na primeira parte deste capítulo, pode-se lançar luz sobre a importância que um professor na Universidade de Viena podia exercer na formação de uma escola de pensamento, bem como na nomeação de seus alunos para cargos importantes na academia austríaca.

Já com a segunda parte, serão estudadas as contribuições de Carl Menger para a ciência econômica de sua época, entendendo o lugar de Menger naquilo que se convencionou chamar de “Revolução Marginalista”, bem como compreender os limites desta nomeação.

2.1 CARL MENGER NA ÁUSTRIA DO SÉCULO XIX

Começando esta parte do capítulo pelo estudo do Império Austro-húngaro, percebe-se a sua importância histórica durante o reinado do Imperador Francisco José, que reinou de 1848 a 1916. Sobre esta importância, o economista alemão Jörg Guido Hülsmann comentou (2007, p. 4):

[...] o império dos Habsburgos eram a segunda maior entidade política no continente europeu, atrás apenas da Rússia. Até o final do século XVII, a dinastia dos Habsburgos tinha em seus domínios a Espanha e suas colônias ultramarinas por todo o mundo. [...] [Alguns anos antes] os Habsburgos tinham dominado o norte da Itália, assim como a Bélgica e a região da floresta negra na Alemanha. [Antes de] 1881 o império tinha perdido estes últimos domínios, mas ainda era composto por doze grupos étnicos consideráveis e abrigava seis grandes religiões¹⁹.

Em sua parte política, percebe-se que, com a coroação do Imperador

19 Tradução livre do inglês: “*the Habsburg Empire was the second-largest political entity in Europe, second only to Russia. Until the end of the seventeenth century, the Habsburg dynasty had also ruled Spain and its overseas colonies all around the world. [...] the Habsburgs had ruled northern Italy, as well as Belgium and the Black Forest region in Germany. By 1881 the empire had lost these latter dominions but was still composed of twelve major ethnic groups and hosted six large religious bodies.*”

Francisco José, o Império passou a sofrer grande influência do pensamento liberal, que viveu, durante o século XIX, sua fase de maior crescimento. Contudo, a aplicação do liberalismo foi feita de uma maneira bastante diferente, quando se comparado com outros países europeus. Acerca desta aplicação, o historiador do Liberalismo José Guilherme Merquior (2014, p. 43) afirmou:

O advento da democracia no Ocidente industrial a partir da década de 1870 significou a preservação definitiva das conquistas liberais: liberdade religiosa, direitos humanos, ordem legal, governo representativo responsável e a legitimação da mobilidade social. Assim, a sociedade vitoriana tardia, os Estados Unidos do pós-guerra e a Terceira República francesa inauguraram amplas e duradouras experiências em democracia liberal, uma mistura político-histórica. A Suíça, a Holanda e os países escandinavos seguiram pelo mesmo caminho, muitas vezes antes. A Itália unificada voltou-se para a política liberal; a Espanha conseguiu estabilizar um governo liberal, e as grandes monarquias centro-europeias, Áustria e Alemanha, desviaram-se da autocracia para constituições semiliberais.

A aplicação destes princípios liberais surge com a criação da constituição austríaca de 1870, feita no governo de Anton von Schmerling (HÜLSMANN, op.cit, p. 46-47). Todavia, como estabeleceu Merquior, esta constituição não aderiu inteiramente ao ideário liberal. Muito pelo contrário, o poder da monarquia dos Habsburgos, principalmente no reinado de Francisco José, ainda era muito forte sobre a política austro húngara. Conforme observaram Allan Janik e Stephen Toulmin (1976, p. 38): “[Francisco José, com o passar dos anos em seu reinado], tornou-se cada vez mais revolucionário em seus meios para atingir consistentemente fins reacionários.²⁰”. Em outras palavras, a própria Constituição Austríaca servia para justificar e aumentar o poder do monarca.

Apesar dos limites da aplicação do ideário liberal na política austro-húngara do final do século XIX, ainda assim ele teve muita influência ao longo do século XIX. Todavia, com o passar do tempo, este liberalismo foi se enfraquecendo, especialmente diante de novas forças políticas que surgiram nas últimas décadas do século XIX. Estas forças eram: a Social-Democracia, liderada por Viktor Adler; o Partido Social-Cristão, liderado por Karl Lueger; o Nacionalismo Alemão de Georg von Schönerer; e o Sionismo, liderado por Theodor Herzl.

A social-democracia proposta por Viktor Adler detinha uma gama de pensamentos diferentes, e, dentre alguns deles, conflitantes. Como notam Allan

20 Tradução livre do inglês: “*became the more and more revolutionary-seeming means toward consistently reactionary ends*”.

Janik e Stephen Toulmin (Ibid, p.51-52), seu partido abraçava ideais liberais, como a confiança na razão e a ideia de progresso, marxistas, e suas soluções para os conflitos sociais e a situação do proletariado, e um certo nacionalismo alemão.

Por sua vez, Karl Lueger, do Partido Social Cristão, era um fervoroso crítico do Capitalismo, chegando a dizer, em um dos seus discursos que “[...] Essas panelinhas financeiras e poderes monetários envenenam e corrompem a vida pública [...] (LUEGER, 1882, apud SCHORSKE, 1988, p. 145). Quando prefeito da cidade de Viena²¹, tal crítica ao capitalismo produziu uma atividade produtiva de melhorar a vida social das classes menos abastadas da cidade, o que levou ao seu sucesso como prefeito (JANIK e TOULMIN, op.cit, p. 55).

Dos quatro líderes citados acima, Georg von Schönerer, líder do Nacionalismo Alemão era o mais radical dentre eles, e utilizou amplamente a violência, tanto retórica quanto física, como instrumento político. Com isto, von Schönerer deteve uma grande influência naqueles que seguiriam a sua mensagem “messiânica”, o que incluirá mais tarde no pensamento de Adolf Hitler.(JANIK e TOULMIN, ibid, p. 55-58). De forma geral, Schönerer utilizou como bases ideológicas todas aquelas que apontavam para o mesmo caminho: “a negação total da elite liberal e seus valores”. (SCHORSKE, 1988, p. 140.)

Por fim, o último representante da esfera política vienense é Theodor Herzl, líder do movimento Sionista. Ele vem de uma trajetória política que é semelhante ao dos outros três políticos acima, pois também era um fervoroso crítico do sistema liberal existente na Áustria-Hungria e em sua capital Viena. Em termos intelectuais, a mesma situação aconteceu, mesmo tendo disparidades ideológicas, principalmente contra o radicalismo e o antissemitismo de Schönerer. Como nos mostra Schorske (ibid, p. 154), ao se referir aos três oponentes do liberalismo citados anteriormente:

Cada um dos nossos três protagonistas alimentou um compromisso com a “nobreza” e a herança aristocrática. Schönerer recebeu seu papel aristocrático por designação paterna e desempenhou-o com um rancor antiliberal. A relação inflexível de Lueger com a aristocracia veio de um contato respeitoso na escola e na política: não procurou ingressar nem destruir a classe superior. A relação de Herzl com a aristocracia, embora de origens igualmente sociológicas, tinha um caráter mais intelectual²²

21 Posto que ocupou de 1897 a 1910

22 Schorske, neste trecho, não faz menção a Viktor Adler e ao partido social-democrata. A razão de incluir Adler ao longo do texto vem de seu uso por Janik e Toulmin, que utilizam parte de seu livro “A Viena de Wittgenstein” para analisar o papel de Adler na política vienense do final do século XIX.

As ideias de Herzl remontavam a tentativa de recuperar e restabelecer o Judeu na sociedade europeia. E esta tentativa cresce para a advocacia ideológica de um Estado judaico. Para realizar isto, o político judeu adotou a seguinte prática: A luta política e a denúncia do antissemitismo (o romantismo aqui se encontrava na palavra usada por Herzl, que era “Duelar”) por parte da comunidade judaica; e a procura de uma relação com o papa, oferecendo em troca que as comunidades judaicas austríacas “[...] apresentassem seus filhos na Catedral de São Estevão para uma conversão em massa”.²³ (JANIK e TOULMIN, op.cit, p.60).

Resumindo esta breve referência ao contexto histórico e político do Império Austro-Húngaro, pode-se perceber que o Império Austro-Húngaro procurou a aproximação com um sistema liberal empregado por outros países europeus, mas fez isso de uma maneira apenas incompleta, pois não reduziu o poder da coroa e não conseguiu se impor politicamente ao se aproximar do final do século XIX. Portanto, como estabeleceu José Guilherme Merquior, a Áustria-Hungria foi, neste período, um país “semiliberal”.

Após este breve estudo sobre o Império Austro-Húngaro, pode-se passar, então, para um estudo mais apurado de sua capital, Viena, uma das cidades mais importantes do mundo, especialmente se for levado em conta seu lado cultural.

Durante cerca de trinta anos, dos anos 1860 até o ano de 1897, com a eleição de Karl Lueger para a prefeitura, a cidade de Viena foi controlada pelos liberais, que, segundo Carl Schorske (op.cit, p. 43), transformaram-na em “[...] seu bastião político, sua capital econômica e o centro de irradiação de sua vida intelectual.”. Tal transformação foi marcada principalmente pela construção da *Ringstrasse*.

Em termos gerais, a *Ringstrasse* era um imenso *boulevard*, tendo grandes construções que evidenciaram a presença liberal no comando da cidade. Desta forma, o teatro (*Burgtheater*), o novo prédio da Universidade e o prédio do Parlamento (*Reichstrat*) obtiveram um destaque bastante importante (SCHORSKE, op.cit, p. 50-59).

Em termos sociais, a *Ringstrasse* era a representação de uma burguesia ascendente, o que explica, em sua maior parte, ser um centro residencial através de um conjunto de apartamentos que remetiam à aristocracia austro húngara, o que

23 Tradução livre do inglês “*present their youth in St. Stephen 's Cathedral for mass conversion.*”

explica a associação próxima entre a burguesia e a nobreza, em que a primeira buscava ascender à segunda. (SCHORSKE, op cit, p. 64-66).

Além da importância da *Ringstrasse*, Viena era conhecida por sua Universidade, um dos grandes centros intelectuais da Europa. Será nesta instituição que Carl Menger fará sua carreira acadêmica como professor universitário entre os anos de 1879 e 1903.

O primeiro ponto a ser ressaltado sobre a Universidade de Viena era a sua estrutura de ensino. Desde sua fundação, no ano de 1365, até o século XVIII, a Universidade de Viena oferecia aos seus alunos as quatro faculdades tradicionais da Idade Média: Artes, Teologia, Direito e Medicina (LE GOFF, s/d, p. 91). No século XVIII, ocorre uma reformulação das faculdades, adicionando as faculdades de Filosofia e de “Ciências Governamentais”²⁴ às quatro existentes.

Um segundo ponto importante de se mencionar está na origem social de seus alunos, bem como seu objetivo ao entrar na Universidade. De maneira geral, pode-se dizer que adquirir uma graduação ou uma continuação da carreira universitária como acadêmico representava uma grande possibilidade de prestígio social, como comenta Jörg Guido Hülsmann (op.cit, p. 59): “A medida que o século XIX chegava ao seu fim, [...] [a] Áustria-Hungria oferecia quatro opções para jovens bem-educados²⁵. Estas eram, em ordem de prestígio: O militarismo, o serviço público²⁶, as artes liberais, e o comércio²⁷.”

Em termos de número de alunos, devido a esta procura por um maior prestígio, a procura pelo curso de direito, que abria as portas para o serviço público, chegava a incríveis cinco mil alunos! (SEAGER, 1996 [1893], p. 41). Desta forma, a Universidade era uma das mais concorridas áreas em que se pudesse obter um cargo público, e estas áreas eram acessíveis apenas aos alunos de origem burguesa ou nobre.

Com relação ao ensino de economia na Universidade de Viena, percebe-se que o ensino de economia, com o surgimento da faculdade de “Ciências

24 O nome alemão para esta faculdade era “*Cameralwissenschaften*” (SCHULAK e UNTERKÖFLER, 2011, p. 7)

25 Entende-se por “Jovens Bem-educados” as pessoas vindas das classes mais abastadas da sociedade, isto é, a nobreza e a burguesia (HÜLSMANN, ibid, p. 59-60).

26 Vale frisar que, para se chegar ao serviço público, o caminho natural deste servidor era através da Universidade.

27 Tradução livre do inglês: “*Austria-Hungary offered four career options for well-educated young men. These were, in order of their prestige: the military, public service, the liberal arts, and commerce.*”

Governamentais” passa a ser associado ao intimamente ao estudo do Direito. Dessa forma, para se verificar como se dava o ensino de economia na Universidade de Viena ao final do século XIX e XX, precisa-se olhar com mais cuidado sobre como se cursava o curso de Direito e as atividades extracurriculares exercidas pelo discente neste curso.

O curso de direito, ao final do século XIX e início do século XX, era dividido em duas grandes partes. Na primeira, que acontecia nos dois primeiros anos do curso, o aluno tinha, segundo Jörg Guido Hülsmann (op.cit, p. 63),

[...] palestras e seminários sobre a história do direito e de instituições legais, e elas terminavam com o primeiro de três exames, chamados de *Staatsexamen*²⁸ porque os examinadores eram especialmente apontados para atuar como agentes do Estado Austro-Húngaro^{29 30}.

Já a segunda fase continha o essencial para a atuação do estudante como advogado ou membro do serviço público Austro-Húngaro, uma vez que é nesta fase que se estuda o Estado Austro-Húngaro em todas as suas leis, instituições oficiais e códigos processuais (HÜLSMANN, ibid, p.63). Além disso, será nesta segunda parte que se estuda economia, em sua parte obrigatória para todos os estudantes do curso de direito³¹.

Carl Menger, quando era professor dessa cadeira de Economia, segundo Henry Rogers Seager³² (op.cit, p. 42), dividia a sua disciplina em duas, cada uma ocupando um semestre do ano³³. A primeira parte se dedicava a um estudo sobre a ciência econômica em sua generalidade, tendo como suporte as diversas discussões econômicas desde os gregos até os tempos contemporâneos, o que

28 Em tradução livre para o português: “Exame Estatal”.

29 Tal prática [o *Staatsexamen*], segundo o mesmo autor (ibid, p.62), vem a partir do ano de 1790, quando a Universidade passou da Igreja Católica para o controle do Estado Austríaco.

30 Tradução livre do inglês: “lectures and seminars on the history of law and legal institutions, and they ended with the first of three exams, called the *Staatsexamen* because the examiners were specially appointed to act as agents of the Austro-Hungarian state.”

31 A economia era lecionada em meio as chamadas “ciências governamentais” (“*Camerawissenschaften*”), que incluíam, segundo Jörg Guido Hülsmann (ibid, p. 63), história econômica e administração pública.

32 Seager, em seu artigo “Economics at Berlin and Vienna” (Talvez a melhor tradução, fugindo da tradução literal, que possa ser feita, ao ler o artigo, seja “O Ensino de Economia em Berlim e Viena), tece comentários muito elogiosos a Carl Menger, dessa forma, seus comentários diretos sobre Carl Menger devem ser lidos com um necessário afastamento. Contudo, por ser a única bibliografia que trata diretamente das aulas e cursos do Carl Menger “Professor”, ele não deve ser ignorado.

33 Henry Rogers Seager (ibid, p. 42) utiliza as palavras “*Winter Semester*” (Semestre de Inverno) e “*Summer Semester*” (Semestre de Verão).

incluía sua própria obra, o *Principles of Economics*. Já a segunda parte lidava com o ensino sobre finanças públicas³⁴.

Com suas palestras, Menger amealhou um considerável grupo de economistas que, mais tarde, formariam uma boa parte dos membros da Escola Austríaca de Economia (HAYEK, 2007, p.22). Uma das razões para este sucesso, segundo Seager (op.cit, p.42) está em suas próprias palestras, uma vez que

[...] ao palestrar ele raramente usa suas anotações a não ser quanto verifica uma citação ou uma data. Suas ideias parecem que vêm a ele à medida que ele fala e são expressas em uma linguagem tão clara e simples, e enfatizadas com gestos tão apropriados, que é um prazer acompanhá-lo. [...] Suas palestras raramente estão 'acima das cabeças' de seus estudantes mais estúpidos, e ainda sempre contém instrução para os mais brilhantes^{35 36}.

Além da possibilidade de se atrair novos membros para uma escola de pensamento através das palestras obrigatórias na Universidade, outro meio, mais poderoso, de se conseguir novos quadros para uma escola estavam nos seminários oferecidos pelos professores da Universidade.

Essencialmente, os seminários eram formados por “[...] grupos menores de estudantes que se juntavam a um professor que dirigia sua leitura e pesquisa em seu campo de especialidade.”³⁷ (HÜLSMANN, op.cit, p. 66-67). Como as possibilidades de se estudar economia em meio ao curso de Direito eram limitadas, a Escola Austríaca de Economia propagou-se através de diversos seminários dirigidos por seus mais importantes membros³⁸.

34 Não foram encontradas na bibliografia consultada informações sobre quais os conteúdos que eram lecionados nesta parte do ano, mas apenas sobre o assunto geral (Finanças Públicas) com o qual ele lidava.

35 Na bibliografia consultada, verifica-se que tal visão não é repetida em outras obras. Um grande exemplo disso está em uma visão geral das palestras feita por Jörg Guido Hülsmann (op.cit, p.64), que considerava as palestras da Universidade de Viena ruins, uma vez que o professor, ao deter uma ilimitada liberdade acadêmica e estabilidade no emprego, não precisaria se preocupar com a qualidade de seu ensino aos seus estudantes.

36 Tradução livre do inglês: “*In lecturing he rarely uses his notes except to verify a quotation or a date. His ideas seem to come to him as he speaks and are expressed in language so clear and simple, and emphasized with gestures so appropriate, that is a pleasure to follow him. [...] His lectures are seldom 'over the heads' of his dullest students, and yet contain instruction for the brightest.*”

37 Tradução livre do inglês: “*smaller groups of students around a professor who directed their reading and research in his field of expertise.*”

38 Além dos seminários de Carl Menger, outros membros da Escola, como por exemplo, Eugen von Philippovich (HÜLSMANN, ibid, p. 77-87), Eugen von Böhm-Bawerk (SEAGER, op.cit, p. 44) e, mais tarde, Ludwig von Mises (HÜLSMANN, op.cit, p.461-464) e Friedrich Hayek (SCHULAK e UNTERKÖFLER, op.cit, p. 123) também se utilizaram desta ferramenta para discussão e desenvolvimento da Escola Austríaca de Economia, dentro e fora da Áustria (como foram os casos de Hayek, na *London School of Economics*, e de Mises, na Universidade de Nova Iorque).

A descrição de um seminário comum pode ser encontrada, por exemplo, na descrição do seminário de Eugen von Böhm-Bawerk, um dos mais destacados discípulos de Carl Menger³⁹ (SEAGER, op.cit, p. 44-45):

Os encontros deste seminário ocorrem [...] toda sexta-feira às cinco horas e normalmente duram uma hora e meia. Elas acontecem em uma sala de palestras simples que acomodam por volta de cinquenta ou sessenta alunos e estão geralmente bastante cheias. Adjacente está uma pequena sala que contém a biblioteca do seminário de algumas centenas de obras padrões. Aliás, periódicos estão completamente em falta. [...] Todas as idades e grupos parecem estar representados, do estudante despreocupado ao dedicado graduado que ambiciona a uma honra acadêmica maior. Na abertura, o professor Böhm-Bawerk não perdeu tempo ao explicar o propósito do curso. A questão salarial seria nosso objeto. [...] Artigos seriam apresentados sobre as diversas teorias salariais que ganharam proeminência desde que a questão recebeu uma atenção científica; em cima da base desses artigos, uma discussão seria feita até que conclusões positivas pudessem ser atingidas. Teorias originais seriam escutadas assim que o material encontrado na literatura fosse esgotado.⁴⁰

Seriam através desses seminários que a Escola Austríaca de Economia produziria suas contribuições originais para a ciência econômica, além de proporcionar avanços sobre a teoria original desenvolvida por Carl Menger. Com isso, o apreço pelas ideias “austríacas” cresceu constantemente entre os alunos, o que contribuiu para a continuidade da Escola ao longo do século XX.

Contudo, para que a Escola pudesse progredir no meio acadêmico, e crescer a sua reputação no meio público e político, era necessário para os seus membros ocupar as poucas cadeiras envolvendo a economia e o direito no Império Austro-Húngaro como professores universitários.

Nas universidades austríacas, ao final do século XIX e início do século XX, haviam três tipos de professores: o professor *Ordinarius* (HÜLSMANN, op.cit, p. 468)⁴¹, o professor *Extraordinarius* (HÜLSMANN, ibid, p.136)⁴² e o *Privatdozent*

39 As descrições dos seminários, ao se ler a bibliografia consultada, são, com mínimas alterações, praticamente as mesmas.

40 Tradução livre para o inglês: “*The meetings of the economic seminar occur [...] every friday at five o'clock and last usually an hour and a half. They are held in a simple lecture room accomodating some fifty or sixty students and usually well fitted. Adjoining is a small room containing the seminar library of a few hundred standard works. Alas, periodicals are altogether lacking. [...] All ages and conditions seem to be represented, from the care-free corps student to the hard-working graduate looking forward to higher academic honors. At the opening exercise Professor Böhm-Bawerk lost no time in explaining the purpose of the course. The wages question was to be our subject. [...] Papers should be presented upon the various wages theories that have gained proeminence from the time when the question first received scientific attention; upon the basis of these, discussion was to be engaged in until positive conclusions should be reached. Original theories were to be given a hearing as soon as the material to be found in literature had been disposed of.*”

41 Em sua tradução para o português, este título ficaria “*Professor ordinário*”.

(MISES, 1996, p.78)^{43, 44}.

O professor ordinário era o titular da matéria e tinha como principal objetivo lecionar as palestras obrigatórias ao discente da Universidade para a realização de sua graduação (SEAGER, op.cit, p.41)⁴⁵. Logo, pode-se perceber que as vagas eram extremamente restritas a apenas alguns professores, que apenas adquiriam a qualificação para esta função apenas após um longo tempo dentro da academia⁴⁶. Além disso, este cargo, além de possuir estabilidade no emprego, era pago e, com ele, vinha um grande prestígio social na sociedade vienense e Austro-húngara⁴⁷.

O cargo de professor extraordinário, logo abaixo do professor titular, também tinha certo prestígio social, além de ter estabilidade. Contudo, o professor não recebia salário, nem possuía cadeira⁴⁸ na Universidade (HÜLSMANN, op.cit, p. 288).

Muito embora fosse um cargo relativamente baixo dentro da academia, o *Privatdozent* era um posto muito interessante, uma vez que este professor, segundo Ludwig von Mises (op.cit, p. 78):

[Era] admitido como um professor privado na Universidade. Ele não recebia nenhum pagamento do governo; na verdade ele apenas tinha o direito insignificante de receber as taxas pagas por seus alunos. Muitos *Privatdozents* conseguiam, com suas taxas, o equivalente a \$5 ou \$10 ao ano. Dessa forma, eles tinham de encontrar algum outro meio de ganhar a vida de qualquer forma que eles queriam.⁴⁹

A partir do trecho acima, pode-se compreender o mercado de jovens recém-saídos da Universidade (com uma habilitação para o ensino) que ofereciam aos alunos cursos opcionais de forma a auxiliá-los na vida acadêmica. Esta habilitação,

42 Ao se traduzir para o português, este título seria escrito desta forma: *Professor extraordinário*.

43 Ao se traduzir este cargo, ele seria escrito da seguinte maneira: *Docente Privado*.

44 A partir deste ponto, estes cargos serão referidos tal qual a tradução oferecida nas três notas de rodapé acima.

45 Carl Menger, em sua carreira acadêmica, exerceu esta função, como professor da cadeira de Economia Política, entre 1878 e 1903 (SCHULAK e UNTERKÖFLER, op.cit, p. 31-32).

46 Trataremos deste processo de escolha mais adiante.

47 Tal prestígio social pode ser percebido em Menger através da sua participação em uma comissão sobre a reforma monetária austro-húngara entre 1892 e 1893 (HAYEK, op.cit, p.28-29); a sua nomeação para a Câmara Alta do Parlamento Austríaco em 1900 (HAYEK, ibid, p. 34) e Membro da Academia de Ciências de Viena (não há um ano exato na bibliografia consultada) (HÜLSMANN, op.cit, p.138 e 139).

48 Essencialmente, segundo Ludwig von Mises (2009, p.77, nota 2), este termo quer dizer que o professor extraordinário não possuía uma secretária, além de outros auxiliares acadêmicos na Universidade.

49 Tradução livre do inglês: “[...] is admitted as a private teacher at the university. He does not receive any payment from the government; actually he has only the very unimportant right to receive the fees paid by his students. Most Privatdozents made the equivalent from their fees of about \$5,00 or \$10,00 a year. Therefore they had to find some other means of making a living in whatever way they wanted.”

que dava ao seu detentor a possibilidade de lecionar nas Universidades austro-húngaras, apenas se conseguia se se apresentasse um trabalho à Universidade, e que fosse aprovado por um colegiado de professores (HÜLSMANN, op.cit, p. 136).

Para se conseguir esta habilitação, era necessário, para o postulante, obter algo que Jörg Guido Hülsmann chamou de “*Protektion*”, ou, em suma, apoio nas estruturas de poder, tanto universitária quanto política (ibid, p. 104). Em outras palavras, se o postulante tivesse um apoio anterior de membros do colegiado, ele teria maiores chances de se conseguir esta habilitação.

Isto ocorria, de maneira mais explícita, quando se tentava uma vaga de professor ordinário, ou seja, quando se tentava atingir a estabilidade que se almejava tanto no ambiente acadêmico. Como nos informa Jörg Guido Hülsmann (ibid, p. 78), o processo, “No caso de novas nomeações, os outros membros da faculdade [de direito] – todos eles advogados à exceção de apenas dois economistas – tinham de escolher o novo postulante da vaga⁵⁰.” Após este colegiado escolher o nome do professor que irá assumir a vaga deixada aberta (seja por morte ou aposentadoria), o processo dependia, acima de tudo, da aprovação do imperador da Austria-Hungria (HÜLSMANN, ibid, p. 62).

Percebe-se, com este processo de escolha, que, apesar de se ter tentado estabelecer um Estado Liberal na Áustria-Hungria, o Imperador ainda possuía um grande poder sobre vários aspectos da vida política, econômica e, neste caso, social.

No caso de Carl Menger, em sua carreira acadêmica, percebe-se que ele teve muita habilidade para contornar estas questões para se firmar no ambiente acadêmico austríaco. Ele, em 1876⁵¹, já um professor extraordinário na Universidade de Viena, foi nomeado para o cargo de tutor de Rudolf, príncipe do Império Austro-Húngaro (SCHULAK e UNTERKÖFLER, op.cit, p. 31). Através desta função, Menger foi ganhando influência junto à família real, pois se tornou, segundo Jörg Guido Hülsmann (op.cit, p. 138), uma das pessoas nas quais o príncipe, e sua família confiavam.

O resultado desta função, após seu término, em 1878, é bastante claro: Carl Menger torna-se professor titular da cadeira de economia da faculdade de Direito em

50 Tradução livre do inglês: “*In the case of new appointments, the other faculty members—all lawyers except for two economists—had to select the new incumbent.*”

51 De sua habilitação, confirmada no ano de 1871, até o ano de 1876, Menger foi um professor privado (HÜLSMANN, 2007, p. 136)

1879, posição de extrema influência no meio acadêmico austríaco, ainda mais importante se levar em conta que existiam poucas cadeiras de economia pelo império (HÜLSMANN, *ibid*, p. 138). A partir deste cargo, ele tratou de posicionar seus mais importantes alunos, todos eles pertencentes à Escola Austríaca de Economia, como por exemplo, a nomeação de Eugen von Böhm-Bawerk para a cadeira de economia na Universidade de Innsbrück em 1882 e de Friedrich von Wieser para a mesma cadeira, só que na Universidade de Praga em 1889 (SCHULAK e UNTERKÖFLER, *op.cit*, p. 40, 46).

Com este poder, conclui Jörg Guido Hülsmann (*op.cit*, p. 140), “a Escola Austríaca rapidamente atingiu uma posição de poder, protegida por tradição intelectual e pelo amparo político.⁵²”. Em essência, Menger obteve as condições para que suas contribuições econômicas ganhassem vulto e popularidade na história do pensamento econômico, algo que será estudado na próxima seção.

2.2 A TEORIA ECONÔMICA DE CARL MENGER

Para se compreender a grande contribuição de Carl Menger para a teoria econômica, que é a Teoria do Valor Subjetivo, deve-se antes compreender o estado do debate sobre esta questão na ciência econômica, particularmente na conhecida “Escola Clássica de Economia”, representada, principalmente, por Adam Smith, David Ricardo, Nassau Senior e John Stuart Mill⁵³.

Em 1776, Adam Smith publicou seu tratado de economia, intitulado “*An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*”⁵⁴, em suma, “*The Wealth of Nations*”⁵⁵. Nesta profunda investigação, o autor estabeleceu as bases do que seria discutido na ciência econômica, com o tratamento sistemático de conceitos que seriam aprofundados ao longo do tempo, como por exemplo, o Valor, o Capital, Preços e Salários, além de muitos outros temas. Em outras palavras, para Eric Roll

52 Tradução livre do inglês: “*the Austrian School quickly reached a position of power, protected by intellectual tradition and political patronage.*”

53 Aqui estão citados apenas os grandes economistas ingleses que fizeram parte desta escola. Charles Gide e Charles Rist (1915, p.XIV) também inserem nesta escola os economistas conhecidos como “Fisiocratas” (Physiocrats), representados, principalmente, por Turgot e Quesnay. Contudo, como não há um consenso na bibliografia consultada sobre a história do Pensamento Econômico e pelo fato de não possuir acesso aos trabalhos dos Fisiocratas, preferiu-se tomar como ponto de partida a análise de Adam Smith, como sendo o fundador da “Escola Clássica de Economia”.

54 Em sua tradução para o português, “Uma Investigação sobre a Natureza e a Causa da Riqueza das Nações”. Será utilizada, neste trabalho, a tradução para a língua portuguesa, publicada, mais recentemente, pela editora Martins Fontes, no ano de 2013.

55 Em tradução para o português, “A Riqueza das Nações”.

(1977, p. 128), o filósofo escocês, juntamente com David Ricardo (que trataremos adiante), pôs “[...] a ordem no caos em que ainda se encontrava a investigação econômica.”. Uma dessas bases estava assentada na teoria do Valor, que irá ser discutida brevemente a seguir.

Em seu entendimento sobre a Teoria do Valor, Smith assevera (2012, p. 36) que

[...] a palavra “Valor” possui dois diferentes significados; algumas vezes expressa a utilidade de algum objeto em particular, e outras, o poder de comprar outros bens, que a posse desse objeto transmite. O primeiro pode ser designado por “valor de uso”; o segundo, por “valor de troca”.

Prosseguindo em sua análise, o autor busca estabelecer uma divisão bastante clara entre os dois entendimentos do valor, bem como exemplificar esta explicação. Em essência (ibid, p. 36),

As coisas que possuem o maior valor de uso frequentemente possuem pouco ou nenhum valor de troca, e, ao contrário, as que têm o maior valor de troca frequentemente tem pouco ou nenhum valor de uso. Nada é mais útil do que a água e, no entanto, ela não permite comprar quase nada; poucas coisas se podem obter em troca dela. Um diamante, pelo contrário, não possui quase nenhum valor de uso, mas normalmente é possível obter em troca dele uma enorme quantidade de outras mercadorias.

Como se percebe, a origem do valor está nos próprios objetos e em sua posse, cabendo apenas diferenciá-los de maneira a saber se tais objetos possuem um maior valor de uso ou um maior valor de troca. Contudo, de que maneira pode-se conferir aos objetos seu valor, seja ele de troca ou de uso?

Para Adam Smith (ibid, p.46), o parâmetro é bastante claro, pois

[É bastante] evidente que o trabalho é a única medida universal, bem como a única exata, do valor, ou seja, é o único padrão que nos permite comparar os valores de diferentes mercadorias em todos os tempos e em todos os lugares.

Tal noção deriva da importância que Smith confere, quando se observa a atividade humana, ao grande nível de preocupação dos homens para com a busca da qualidade de vida e do conforto, que são os produtos de um trabalho árduo (ibid, p. 46).

Contudo, Smith (ibid, p. 40-41) observava que, nas transações no mercado, nem sempre, ou mesmo muito raramente, o trabalho servia como base para

determinar o valor das trocas, sendo preterido por outras mercadorias⁵⁶ e por dinheiro⁵⁷. No mais, a teoria do valor trabalho seria soberana.

Esta formulação sobre a teoria do valor seguiu bastante popular nos outros grandes economistas ingleses, cada qual adicionando algumas novas visões sobre a teoria do valor e sua relação com a economia em geral. Antes de se passar ao trabalho de Menger, é necessário passar um tanto mais depressa por estes autores, para definir o estado da teoria econômica sobre o valor antes de 1870.

David Ricardo, em seu livro *“The Principles of Political Economy and Taxation”*, publicado em 1819, tinha como objetivo maior, segundo Edmund Wittaker (1960, p. 150), “[...] reparar as deficiências dos escritos de Smith, [Jean Baptiste] Say, e outros conforme eles lidaram com as leis [econômicas]”^{58,59}.

Sobre a teoria do valor, Ricardo (WHITTAKER, op.cit, p. 151) criticou a hesitação de Adam Smith no tratamento do trabalho, para quem nem sempre o trabalho estabelecia os preços do mercado. Mais do que criticar esta acepção, David Ricardo levou a teoria do valor trabalho para outras áreas de maneira explícita, como por exemplo a teoria da Renda da Terra e dos Salários (WHITTAKER, ibid, p. 152-157).

Nassau Senior, que tem como principal obra o livro *“An Outline of the Science of Political Economy”*, publicada em 1836, promove uma adição interessante no que tange a teoria do valor trabalho. Para Senior (WHITTAKER, ibid, p. 164), “[...] não era o trabalho mas a escassez, que poderia ou não ser explicada por trabalho, que conferia valor⁶⁰.” Desta forma, ao adicionar o elemento escassez na equação, Senior aumentava a importância da teoria para as questões práticas da sociedade (WHITTAKER, ibid, p. 164).

Por fim, a importância de John Stuart Mill, através de seu *“Principles of*

56 Nas palavras de Smith (ibid, p. 40), “Um [mercadoria] consiste num objeto simples e palpável; a outra [trabalho], numa noção abstrata que, embora possa tornar-se suficientemente inteligível, de maneira geral não é tão natural e evidente.”

57 Para Smith (ibid, p. 40) “O açougueiro [...] leva [a sua carne] ao mercado, onde a troca por dinheiro, trocando em seguida esse dinheiro por pão e cerveja.” Em outras palavras, o açougueiro raramente vai diretamente ao padeiro ou ao cervejeiro, pois o dinheiro possui maiores facilidades para a troca, principalmente, segundo o autor (ibid), ao prever a quantidade que ele receberá pela troca.

58 Tradução livre do inglês: *“remedy the shortcomings of the writings of Smith, Say, and others as they dealt with the laws [...]”*

59 Eric Roll (op.cit, p. 163) inclusive compara intimamente os dois na construção do sistema econômico da Escola Clássica, uma vez que Ricardo levou a obra de Smith “[...] ao ponto mais longínquo possível [...]”

60 Tradução livre do inglês: “[...] not labor but scarcity, which might or might not be explained by labor, which conferred value.”

Political Economy with some of their applications to Social Philosophy”, de 1848, é reconhecida por sua capacidade de estabelecer “[...] a síntese final da teoria clássica [...]” além de ter um tom “[...] conciliatório, que reforçava a impressão de segurança de sua indiscutida autoridade. Esta repousava, em parte, na crença de que o ricardianismo encontrara em Mill a elaboração mais completa.” (ROLL, op.cit, p. 346).

Com relação, mais especificamente, a teoria do valor, para Eric Roll (ibid, p.356)

Vemos, pois, que Mill adota sem modificações substanciais a teoria exposta por Senior. [...] Conquanto Mill admita ainda em sua teoria um elemento de custos, dá muito mais importância aos fenômenos de mercado da oferta e da procura. Sua atenção se concentrou principalmente na ação da competição ao causar e suavizar as diferenças entre os valores de mercado e o valor natural, quer se tratassem de um valor do monopólio ou de um valor determinado por um custo de produção.

Aqui John Stuart Mill retornou ao problema exposto por Adam Smith ao diferenciar a questão da medida de valor natural (indicado pelo trabalho e, seguindo Senior, Abstinência como custos da produção) do valor real (dado através das trocas no mercado). Em essência, Mill deu um maior destaque ao mercado nesses valores do que havia feito Smith.

O trabalho de Mill, e seu legado, foi de estender o domínio da doutrina da escola clássica, assentada principalmente sobre a teoria do valor, por mais vinte e três anos, quando as obras de Carl Menger e de outros autores daquilo que Roll (ibid, p. 346), chamou de a “Escola Marginalista”.

De modo a diferenciar o trabalho da escola clássica de economia ao da “Escola Marginalista”, e dar uma atenção maior ao trabalho econômico de Carl Menger, é necessário tratar, a seguir, a teoria do valor desenvolvida pelo economista austríaco.

Antes de tentar compreender a teoria do valor para o austríaco, deve-se antes ter uma noção da teoria do bem econômico, uma vez que as duas teorias estão intimamente ligadas. Para ilustrar este ponto, observa-se que as duas teorias ocupam quase metade das páginas do livro *“Principles of Economics”*. Será nestas páginas que Carl Menger estabelecerá uma teoria rival à teoria do valor estabelecida pela Escola Clássica, algo que foram discutidas anteriormente.

Para que um bem adquira tal característica, ele precisa atender a quatro pré-

requisitos fundamentais ao mesmo tempo (MENGER, 2007, p. 52):

1. Uma necessidade humana.
2. Tenha propriedades que capacitam esta coisa para ser capaz de estabelecer uma relação causal com a satisfação desta necessidade.
3. O conhecimento humano desta relação causal.
4. Ter o comando suficiente desta coisa de modo a direcioná-la para a satisfação desta necessidade.⁶¹

Tais pré-requisitos acabam, por extensão, gerando a seguinte afirmação por parte do autor, que defende a posição de que “Quando apenas um destes [pré-requisitos] está ausente, uma coisa não pode adquirir o caráter de um bem, e uma coisa que já possui este caráter o perderia imediatamente se apenas um dos quatro pré-requisitos cessasse de estar presente.”⁶² (MENGER, *ibid*, p. 52).

Por mais que estas relações estejam presentes, nem todos os bens estão dispostos ao capricho do ser humano, necessitando eles de uma produção para o posterior consumo deste bem para a satisfação de suas necessidades. E tal produção, antes de acontecer, precisa de vários elementos juntos para acontecer. Desta forma, surgem os produtos denominados por Menger (*ibid*, p. 59) como sendo “Bens de alta ordem”⁶³.

Um exemplo do que foi estabelecido no parágrafo acima pode ser entendido com a fabricação de um delicioso bolo de morango, que irá satisfazer a fome de uma pessoa⁶⁴. Para fazê-lo, necessita-se de farinha de trigo, açúcar, morangos, margarina, ovos, leite e o fermento, químico ou biológico. Tirando os morangos, ovos e o leite, é discutível que seja usual que se consuma diretamente o fermento, a margarina ou a farinha. Contudo, eles possuem a qualidade de um bem a partir do fato que eles são utilizados na fabricação deste bolo. Como tais, eles recebem a nomeação de “Bens de alta ordem”, pois servem para produzir bens que serão consumidos diretamente pelas pessoas.

61 Tradução livre do inglês:

“1. *A human need.*

2. *Such properties as render the thing capable of being brought into a causal connection with the satisfaction of this need.*

3. *Human knowledge of this causal connection.*

4. *Command of the thing sufficient to direct it to the satisfaction of the need.*”

62 Tradução livre do inglês: “*When even one of them is absent, a thing cannot acquire goods-character, and a thing already possessing goods-character would lose it at once if but one of the four prerequisites ceased to be present.*”

63 Traduzido do inglês “*Goods of higher order*”

64 Este exemplo foi produzido independentemente, como exercício de compreensão do que foi escrito por Menger.

Resumindo o que foi tratado sobre o assunto, pode-se dizer que o conceito de *bem econômico* é extremamente mutável, pois varia de acordo com as necessidades percebidas pelas pessoas e com as capacidades de controle de tais bens. Tal variabilidade deste conceito também aparecerá na compreensão de Carl Menger sobre o valor, o que irá distingui-lo da análise de Adam Smith e da Escola Clássica sobre este tema.

Passando a um olhar panorâmico sobre a teoria do bem econômico pode-se passar a uma visão sobre a teoria do valor econômico para Carl Menger, e ficará mais clara a união das duas teorias, que constituem o núcleo da análise econômica do economista austríaco.

Uma quantidade de uma coisa, relacionada com a demanda por ela, pode estabelecer três situações, de acordo com Carl Menger (ibid, p.94)

- (A) As demandas por ela são *maiores* que a quantidade disponível.
- (B) As demandas por ela são *menores* que a quantidade disponível.
- (C) As demandas por ela são *iguais* que a quantidade disponível.⁶⁵ (Grifo meu).

Depois de estabelecida estas três situações, Menger passa a analisar cada uma, e qual a sua consequência para a compreensão dos fenômenos econômicos e para a atividade dos agentes econômicos, que são os indivíduos.

Quando ocorre a primeira situação, para o economista austríaco (ibid, p. 95), a principal consequência é que

[...] nenhuma parte da quantidade disponível [...] pode perder suas propriedades úteis ou ser removida do controle humano sem resultar no fato que algumas concretas necessidades humanas, anteriormente fornecidas, permaneçam insatisfeitas, ou sem resultar que tais necessidades sejam satisfeitas de uma maneira menos completa do que antes.⁶⁶

O resultado, percebido pelos agentes econômicos, desta situação faz com que esses agentes, na visão do autor (ibid, p.95), passam a se aferrar ao que já possuem, tentando fazer com que haja o acúmulo deste bem em uma considerável

65 Tradução livre do inglês:

- (a) *that requirements are larger than the available quantity.*
- (b) *that requirements are smaller than the available quantity.*
- (c) *that requirements and the available quantity are equal.*

66 Tradução livre do inglês: “no part of the available quantity, in any way practically significant, may lose its useful properties or be removed from human control without causing some concrete human needs, previously provided for, to remain unsatisfied, or without causing these needs now to be satisfied less completely than before.”

quantidade; que esta quantidade mantenha as propriedades desta coisa; que o agente passa a optar pela satisfação de suas necessidades mais importantes e, por fim, tentar consumir esta coisa de forma a satisfazer o máximo possível de suas necessidades. Em outras palavras, para Menger (ibid, p.96), “O complexo das atividades humanas dirigidas a estes quatro objetivos é chamado de *economizar*, e os bens, ao manter esta relação quantitativa envolvida na discussão anterior são os objetos exclusivos desta.”⁶⁷ (Grifo meu).

Com esta discussão, pode-se perceber que, para o escritor austríaco (ibid, p. 98), nas outras situações verificadas, não há uma atividade para *economizar* a quantidade do que tem, pois todas as necessidades do agente já são satisfeitas. Por consequência, não há atividade econômica, o que faz com que não possa ser feita nenhuma análise econômica sobre estas duas situações.

Desta forma, a teoria do valor de Carl Menger baseia-se na primeira situação, isto é, quando a demanda por um bem é superior aos estoques desse mesmo bem. E, voltando à questão dos requisitos para que um bem receba tal designação, a teoria do valor interfere na quarta proposição, que trata do comando do bem em número suficiente para garantir esta satisfação. Com este parágrafo, é de se notar o extremo cuidado do economista com relação aos diversos tipos de interligações entre todos os capítulos de seu livro.

O resultado, para Menger (ibid, p. 115), é que o valor “[...] é, portanto, a importância que bens individuais ou quantidades de bens atingem para nós porque nós estamos conscientes da dependência do comando deles para a satisfação de nossas necessidades.”⁶⁸.

Com esta definição, Carl Menger acaba por divergir radicalmente da concepção de Adam Smith sobre o valor, que, conforme anteriormente tratado (2012, p. 36), defende o valor a partir dos bens, sejam eles bens que possuem “valor de uso” ou “valor de troca”. Para o autor austríaco, o foco da teoria do valor está na relação estabelecida entre o agente econômico e o comando deste bem. Logo, para Menger (op.cit, p. 116), o

67 Tradução livre do inglês: “*The complex of human activities directed to these four objectives is called economizing, and goods standing in the quantitative relationship involved in the preceding discussion are the exclusive objects of it.*”

68 Tradução livre do inglês “*is thus the importance that individual goods or quantities of goods attain for us because we are conscious of being dependent on command of them for the satisfaction of our needs.*”

Valor é, portanto, nada inerente aos bens, não é uma propriedade deles, mas apenas a importância que nós, primeiramente, atribuímos para a satisfação de nossas necessidades, isto é, para nossas vidas e bem estar, e em consequência transferem para bens econômicos como sendo as causas exclusivas da satisfação de nossas necessidades.⁶⁹

Tal conceito vale tanto para bens de primeira ordem (de consumo) quanto de ordens superiores (de produção), com a diferença que os bens de ordens superiores adquirem o valor na esteira do valor futuro deste bem quando o bem de consumo estiver disponível para a população (ibid, p. 150).

Por fim, além de defender que a *origem* do valor está na subjetividade das pessoas, Menger defende a posição que defende que a *medida* deste valor também é *subjetiva*, pois, para o autor (ibid, p. 146) “[...] um bem pode tem um grande valor para um agente econômico, pouco valor para outro, ou nenhum valor para um terceiro, dependendo das diferenças em suas demandas e disponibilidade do seu estoque.”⁷⁰.

Resumindo o que foi dito, Carl Menger, ao tratar do valor, repete a norma do que foi tratado na discussão dos bens econômicos, e atribui para o valor a mesma *mutabilidade* da questão do valor, pois mudou o foco do objeto para o indivíduo. Tal mudança de foco é uma constante na chamada “Revolução Marginalista”, que será discutida a seguir.

Tal “Revolução” se deu entre os anos de 1871 e 1874 com as publicações de três autores: Carl Menger, em “*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”⁷¹; William Stanley Jevons, em “*Theory of Political Economy*”⁷²; e Léon Walras, em “*Éléments d’économie politique pure*”⁷³ (SCHUMPETER, 1954, p. 794-796).

Com estas três publicações, todas construídas de modo independente⁷⁴, foi

69 Tradução livre do inglês: “*Value is therefore nothing inherent in goods, no property of them, but merely the importance that we first attribute to the satisfaction of our needs, that is, to our lives and well-being, and in consequence carry over to economic goods as the exclusive causes of the satisfaction of our needs.*”

70 Tradução livre do inglês: “*a good can have great value to one economizing individual, little value to another, and no value at all to a third, depending upon the differences in their requirements and available amounts.*”

71 Publicado pela primeira vez em 1871. Não custa lembrar que este livro é utilizado como fonte para esta monografia, através do uso da tradução para a língua inglesa, sob o título “*Principles of Economics*” (ou “Princípios de Economia”, em uma tradução para o português).

72 Também publicado em 1871. Esta obra tem uma tradução para o português, intitulada “A Teoria da Economia Política”, e foi publicada pela editora Nova Cultural em 1996 (FEIJÓ, 2000, p. 215).

73 A tradução para o português, também publicada pela editora Nova Cultural em 1988, foi intitulada “Elementos de Economia Política Pura” (FEIJÓ, 2000, p. 216).

74 Tal informação é bastante perceptível ao se ler as várias obras que tratam do assunto: Friedrich Hayek, em sua introdução ao livro de Menger (op.cit, p. 12); Eric Roll, em sua “História das

desenvolvido o conceito de “Utilidade Marginal” na teoria do valor. Tal conceito, em sua essência, segundo Luiz Souza Gomes (1966, p.225), “[...] se baseia no pressuposto que as necessidades do homem admitem uma saturação gradual, e à medida que aumenta a quantidade de bens, diminui a satisfação que proporcionam.”.

Por mais que Carl Menger seja citado em conjunto com os outros autores como sendo um fundador deste conceito, é necessário tratar este conceito como ele se encontra na obra de Menger, isto é, como uma das consequências da teoria do valor subjetiva desenvolvida por ele. Devido a este fato que foi suprimida a sua análise quando se tratou de sua teoria do valor, por não ser a essência de sua teoria.

A Utilidade Marginal, conforme entendida pelo economista austríaco, está contida neste trecho (op.cit, p. 125):

[...] a satisfação de qualquer necessidade específica possui, até certo grau de plenitude, relativamente a maior importância, e que uma satisfação subsequente tem, progressivamente, uma importância menor, até eventualmente atingir um estágio em que uma satisfação mais completa desta particular necessidade é uma questão de indiferença. Por fim, um estágio ocorre em que todo ato tendo uma aparência de uma satisfação desta necessidade não apenas não tem uma subsequente importância para o consumidor, mas também é, contudo, um fardo e uma dor⁷⁵.

Menger lista esta consequência como uma questão referente aos fatores que alteram a importância da satisfação das necessidades dos agentes econômicos (p.122-125). Todavia, a palavra específica (Utilidade Marginal) está ausente em seu trabalho. Como observou Fábio Barbieri (2004, p. 43; nota 11), a noção de “Utilidade Marginal” dentro da tradição austríaca deve-se a um dos primeiros seguidores de Menger, Friedrich von Wieser.

doutrinas econômicas” (op.cit, p. 380; p. 386); Luiz Souza Gomes, em seu “Dicionário Econômico e Financeiro” (op.cit, p. 225); Charles Gide e Charles Rist, em “*A History of Economic Doctrines*” (1915, p. 517); Alexander Gray, em “*Development of Economic Doctrine*” (1932, p. 341); Ricardo Feijó (2001, p. 28-29); Joseph T. Salerno, em seu artigo “*Carl Menger: The Founding of the Austrian School*” (1999, p. 80; nota 16); Murray Rothbard, em “O essencial von Mises” (2010, p.13); Jesus Huerta de Soto, “A Escola Austríaca” (2010, p. 61); Eugen Maria Schulak e Herbert Unterköfler, em “*The Austrian School of Economics: A History of its Ideas, Ambassadors and Institutions*” (op.cit, p. 18) e Jim Cox “*The Concise Guide to Economics*” (2007, p. 117).

⁷⁵ Tradução livre do inglês: “*the satisfaction of any one specific need has, up to a certain degree of completeness, relatively the highest importance, and that further satisfaction has a progressively smaller importance, until eventually a stage is reached at which a more complete satisfaction of that particular need is a matter of indifference. Ultimately a stage occurs at which every act having the external appearance of a satisfaction of this need not only has no further importance to the consumer but is rather a burden and a pain.*”

Além dessa questão envolvendo o aparecimento deste conceito em Menger, há uma diferença entre a “Escola Clássica de Economia” e a “Revolução Marginalista”. Conforme percebido anteriormente, os trabalhos de Adam Smith formaram apenas uma escola, com cada autor posterior desenvolvendo as lacunas e os problemas de Smith em sua totalidade.

Todavia, a “Revolução Marginalista” possuiu muitas diferenças para se constituir em uma escola, e tal problema foi tratado constantemente pela historiografia.

Charles Gide e Charles Rist (op.cit, p. 521-538) já dividem o movimento em duas escolas diferentes, a “Escola Psicológica” e a “Escola Matemática”. A primeira escola seria representada por William Stanley Jevons na Inglaterra, a “Escola Austríaca de Economia”⁷⁶ e por John Bates Clark nos Estados Unidos. A segunda Escola é formada, principalmente, por Antoine Cournot, Hermann Gossen, Jevons, Walras, Alfred Marshall e Vilfredo Pareto. A diferença está no foco das duas escolas, sendo que a segunda tem uma atenção maior sobre o fenômeno da troca, enquanto a primeira no sentido da relação objeto x indivíduo.

Eric Roll diferencia as obras específicas dos três economistas da “Revolução Marginalista”. Ao separar William Stanley Jevons e Carl Menger, ele assevera que (op.cit, p. 367) “Jevons ainda estava influenciado pela filosofia utilitária. Mas Menger, o fundador da escola austríaca, deu à nova teoria uma interpretação não utilitarista e lhe proporcionou credenciais metodológicas.” Posteriormente, ao diferenciar Walras dos dois outros economistas (ibid, p. 385), ele defende que o francês

[Walras] se encontra de certo modo entre Jevons e Menger. Como o primeiro deles, baseia-se no hedonismo e mais profundamente do que Jevons usa o método matemático. Como Menger, evita alguns dos erros de Jevons ao traduzir os valores subjetivos nos preços de um mercado onde a competição domina.

Em outras palavras, como o meio termo de Jevons e Menger, Walras utiliza os mesmos métodos de Jevons (matemática), mas com o mesmo cenário de Menger (valores em meio a competição no mercado).

Contudo, na historiografia atual, as diferenças entre os três autores são aumentadas, o que leva inclusive a uma crítica do termo “Revolução Marginalista”, pois, de acordo com Ricardo Feijó (op.cit, p. 41)

76 Representada por Carl Menger, Emil Sax e Eugen von Böhm-Bawerk (op.cit, p.522)

[...] mesmo compartilhando elementos teóricos essenciais em suas teorias, pertenciam a distintos paradigmas ou o que um importante economista denominou de “visões” da economia⁷⁷. Eles estavam inseridos em contextos culturais muito distintos e ligados a raízes filosóficas inteiramente díspares: o utilitarismo empirista na Inglaterra [Jevons], a filosofia aristotélica na Áustria e a filosofia cartesiana na França.

Estas diferenças não param aí. Ao se deter com mais atenção aos estudos sobre a obra de Carl Menger, Feijó foi taxativo ao afirmar (ibid, p. 52) que

As discrepâncias entre Menger e os outros dois “revolucionários” são ainda mais gritantes. Por incrível que pareça Menger não é “marginalista”, no sentido técnico da palavra, e de certo modo nem ao menos se enquadra no subjetivismo.

As razões para estas discrepâncias, ao nível da relação do economista austríaco com o “marginalismo” provém da noção que (ibid, p. 53) “Enquanto em Walras o cálculo marginal é um instrumento de análise que surge no início da construção lógica, em Menger ele só aparece como um resultado do argumento econômico”.

Outra discrepância na análise de Menger em comparação com a de Walras está no tratamento do conceito “subjetivismo” pelos dois autores. Enquanto a análise de Menger enfatiza “[...] elementos como incerteza, risco e busca de informação” (FEIJÓ, ibid, p. 54), Walras, por outro lado, enfatiza que o subjetivismo está relacionado intimamente ao conceito de “equilíbrio”, que significa, para Luiz Souza Gomes (op.cit, p. 96), a “situação dos mercados na qual a oferta é igual à procura”. O resultado desta análise, para Jesus Huerta de Soto (op.cit, p. 21), está no fato que a relação entre o conceito de “subjetivismo” com o conceito de “equilíbrio” resulta em um sistema em “[...] que toda a informação relevante para construir as respectivas funções de oferta e de procura se encontra dada.”. Em outras palavras, o erro, na obra de Walras, é afastado como possibilidade de análise dos fenômenos econômicos por parte do economista. Desta forma, como Menger acredita fielmente na capacidade de erro (op.cit, p. 67) por parte do agente no contexto de sua ação, ele nunca desenvolveu, em sua obra, o conceito de “equilíbrio”.

Por mais que existam diferenças entre os três grandes economistas da “Revolução Marginalista”, é certo que o “núcleo analítico [da ciência econômica],

⁷⁷ O Economista ao qual Feijó se refere aqui é Joseph Schumpeter, o mesmo que escreveu um dos mais importantes livros sobre a história do pensamento econômico, intitulado “*History of Economic Analysis*”, que foi publicado postumamente em 1954.

para o qual o termo Valor e Distribuição ficaram progressivamente populares [...]”⁷⁸ foi alterado, muito embora a ciência econômica, em seu aspecto geral “permaneceu, em sua competência e método, substancialmente o que havia sido anteriormente.”⁷⁹ (SCHUMPETER, op.cit, p. 793). Por isso, segundo Charles Gide e Charles Rist (op.cit, p. 515) houve um considerável crescimento dos trabalhos teóricos dentro da ciência econômica, o que ocasionou uma reforma (necessária) da estrutura anterior, construída pela Escola Clássica de Economia.

Por fim, é necessário, ao encerrar o capítulo, fazer uma breve retomada do que foi trabalhado ao longo deste primeiro capítulo. Na primeira parte deste capítulo, foi trabalhado o contexto histórico em que Carl Menger viveu, que compreende o Império Austro-Húngaro, a cidade de Viena e a Universidade de Viena no final do século XIX. Na segunda parte deste capítulo, foram trabalhadas as ideias de Carl Menger para a ciência econômica, tendo como base a sua reforma dos pressupostos teóricos da Escola Clássica de Economia.

A seguir, no segundo capítulo, serão trabalhados os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia, as ideias metodológicas de Carl Menger e o tratamento que ele deu aos economistas da Escola Histórica Alemã.

78 Tradução livre do inglês: “[...] *its analytic core, for which the term Value and Distribution became increasingly popular* [...]”

79 Tradução livre do inglês: “*remained, in scope and method, substantially what it had been before.*”

3. O TRATAMENTO DOS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ DE ECONOMIA NA OBRA DE CARL MENGER

Neste segundo capítulo, será feita a análise das fontes, o “*Principles of Economics*” e o “*Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*”, de modo a compreender o tratamento dado por Carl Menger aos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia ao longo de suas obras.

De modo a realizar esta análise, este capítulo será dividido em três partes. Primeiro, será feito um breve histórico da Escola Histórica Alemã de Economia, para observar suas ideias principais e seus líderes. Depois, o mesmo será feito sobre a metodologia que Carl Menger propõe para a ciência econômica, e suas divergências intelectuais com os economistas da Escola Histórica. Na terceira, e principal, parte deste capítulo tem como objetivo principal a leitura das fontes, de modo a perceber o tratamento dado por Carl Menger aos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia nessas duas obras, de modo a perceber diferenças e convergências neste tratamento.

Por fim, em conjunto com a leitura destas fontes, serão feitas observações a partir da leitura teórica desta monografia, centrada no livro “A Metodologia das Ciências Sociais” do sociólogo alemão Max Weber.

3.1 A ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ DE ECONOMIA

No primeiro capítulo desta monografia, observou-se que, desde a publicação do livro “A Riqueza das Nações” por Adam Smith em 1776, até a chamada “Revolução Marginalista”, no início dos anos 1870, a Escola Clássica, especificamente na Inglaterra, teve um amplo desenvolvimento, através dos trabalhos de David Ricardo, Nassau Senior e John Stuart Mill.

Tal desenvolvimento, segundo Eric Roll (1977, p. 292-293), esteve intimamente ligado ao imenso desenvolvimento econômico da Inglaterra, onde “[...] podiam ser proclamadas as virtudes do liberalismo econômico.”. Contudo, esta situação, continua o historiador do pensamento econômico, “[...] não se repetiam em nenhum lugar.”. Dentre esses lugares, o avanço da Escola Clássica, de longe, encontrou mais dificuldades na Alemanha, devido, para William Scott (1933, p. 191 e 199), a grande influência de Friedrich List e Adam Heinrich Müller, defensores do

Nacionalismo econômico, em contraposição ao liberalismo econômico.

Contudo, a reação destes dois economistas, para Scott (ibid, p. 212), foi de uma extensão muito pequena se comparado com o desenvolvimento da “Escola Histórica Alemã”. A razão para isto é que esta escola desafiou a Escola Clássica não apenas em sua defesa do liberalismo econômico, mas, principalmente, em sua análise e método para a ciência econômica, algo que, mais tarde, trará para a superfície as discussões que levarão ao *Methodenstreit*.

Dessa forma, para compreender este debate e, conforme anunciado na introdução, o tratamento que Carl Menger deu aos economistas alemães da “Escola Histórica” em sua obra econômica, é necessário antes ter uma noção, mesmo que breve, dos economistas que compuseram a “Escola Histórica Alemã de Economia”, bem como de suas ideias para o método da ciência econômica.

A Escola Histórica Alemã de Economia surge com o economista alemão Wilhelm Roscher, professor por muitos anos da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Suas contribuições para o pensamento econômico estão localizadas, para Eric Roll (op.cit, p. 296), nas obras “*Grundriss zu Vorlesungen über die Staatswirtschaft nach geschichtlicher methode*”⁸⁰ e “*System der Volkswirtschaft*”⁸¹

Para Charles Gide e Charles Rist (1915, p. 382), Roscher, nessas obras, “[...] não pretende a nada mais do que um estudo de história econômica.”⁸². Oskar Lange (1967, p. 247), por sua vez, observa que o economista alemão “[...] reconhecia ainda, em princípio, as leis da Economia clássica; tentava simplesmente completá-las com material histórico.”.

Por fim, Eric Roll (op.cit, p. 296-297) observou que nessas obras as visões posteriores da Escola Histórica Alemã de Economia, em conjunto com a forte crítica aos pressupostos da Escola Clássica de Economia, ainda não estão explícitas, de modo que ele

Não teve suficiente clareza nas ideias metodológicas. Algumas vezes dá a impressão de considerar a coleta de material histórico apenas como elemento de ilustração [das leis da economia desenvolvidas pela Escola Clássica] [...]. Outras vezes, ainda parece sugerir que a descrição das investigações econômicas e suas condições esgotam o campo de atividade da econômica.

80 O tradutor da obra “A Metodologia das Ciências Sociais” de Max Weber, Augustin Vernet (2001, p. 2), traduz este título como “Esboço das preleções sobre a economia política conforme o método histórico”.

81 O mesmo tradutor citado na nota de rodapé acima traduz este título como “Sistema de Economia Política” (ibid, p. 2).

82 Tradução livre do inglês “*He makes no pretence to anything beyond a study of economic history.*”

Dessa forma, a grande contribuição que trouxe Wilhelm Roscher, a partir desta leitura bibliográfica, parece sair do fato que ele chamou a atenção para a importância dos estudos históricos para a ciência econômica, mesmo tendo suas falhas, conforme percebido na citação acima por Eric Roll. Mesmo Menger (1985, p. 189), em sua crítica aos economistas da Escola Histórica Alemã, reconhece que Roscher, com seus escritos, trouxe um “[...] incomparável estímulo [...] a todos os seus colegas mais jovens.⁸³”.

O segundo economista de renome a desenvolver as ideias da Escola Histórica Alemã de Economia foi Bruno Hildebrand (1812-1878), professor das Universidades de Zurique e Berna, na Suíça (SCOTT, op.cit, p. 220-221). Suas ideias metodológicas estão concentradas em um livro, intitulado “*Die Nationalökonomie der Gegenwart und Zukunft*⁸⁴”, publicado em 1848, e em um artigo do primeiro número do jornal acadêmico “*Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik*⁸⁵”, publicado em 1863.

Hildebrand, para Charles Gide e Charles Rist (op.cit, p. 383), foi mais profundo que Wilhelm Roscher na aplicação da história para a economia, acreditando que ela “[...] não apenas vitalizaria e aperfeiçoaria a ciência, mas poderia até auxiliar em sua recriação como um todo⁸⁶”. Dessa forma, a intenção de desenvolver a ciência econômica a partir de estudos históricos, um dos pontos-chaves desta escola, aparece pela primeira vez em Hildebrand.

Em termos de suas contribuições específicas para a Escola Histórica Alemã de Economia, Hildebrand, para Oskar Lange (op.cit, p. 247), “[...] rejeitou as leis da Economia Clássica e quis substituí-las por leis econômicas do desenvolvimento dos povos.”. Estas fases de desenvolvimento seriam, para Lange (ibid, p. 247), “[...] a Economia natural, a Economia monetária e a Economia de crédito.”. Percebe-se, portanto, o papel central da história para esta teoria, pois seria ela que iria diferenciar estas fases de desenvolvimento econômico.

83 Tradução livre do inglês “*incomparable stimulation [...] have given to all younger colleagues.*”

84 Augustin Vernet (op.cit, p. 2) traduz esta obra para o português como “A Economia do Passado e do Futuro”.

85 Não foi encontrada, na bibliografia consultada, uma tradução do título desta obra para o inglês ou para o português. Desta forma, irá ser tentada uma tradução própria, lembrando ao leitor que o conhecimento do autor deste trabalho sobre a língua alemã é pequeno. Passada esta breve questão, o título deste jornal ficaria, no português, desta forma: “Anais de Economia Política e Estatística”.

86 Tradução livre do inglês “*would not merely vitalise and perfect the science, but might even help to recreate it altogether.*”

Todavia, apesar desta contribuição, a obra definitiva de Hildebrand sobre estes temas, segundo Eric Roll (op.cit, p. 297), nunca veio. Desta forma, conclui Oskar Lange (op.cit, p. 247), estas duas obras acabam por ter como característica principal

[...] a ausência de uma reflexão teórica sobre os critérios da classificação dos estágios do desenvolvimento econômico. As relações [sociais] de produção não figuram entre esses critérios. Tem-se, ao contrário, uma mistura de diversas categorias econômicas: A Economia de crédito é unicamente uma forma da Economia monetária, enquanto é a Economia natural que se opõe à Economia mercantil, da qual uma forma é a Economia monetária.

Dessa forma, o grande projeto de Hildebrand de reformar a ciência econômica através dos estudos históricos acabou por não ter sido publicado, precisando que outro economista tomasse esta atividade para si.

O terceiro economista que auxilia no desenvolvimento da Escola Histórica Alemã de Economia foi Karl Knies, que, por trinta e três anos (de 1865 a 1898), foi professor de ciência política da Universidade de Heidelberg (SCOTT, ibid, p. 224). Suas ideias para a metodologia da economia foram desenvolvidas no livro “*Die Politische Ökonomie vom Standpunkte der geschichtlichen Methode*”⁸⁷, publicado no ano de 1853, com uma nova edição aparecendo em 1883, ano em que se iniciou a polêmica da Escola Histórica com Carl Menger.

Em termos de sua associação com a Escola Histórica, Knies, para Eric Roll (op.cit, p. 298), teve “[...] uma tímida adesão à escola histórica.”. Contudo, adiciona Roll, mostra-se de certo modo mais incisivo do que Roscher e Hildebrand em sua crítica aos trabalhos da Escola Clássica de Economia, o que abre espaço para um pensamento mais radical sobre as questões metodológicas para a economia.

Tais pensamentos acabam por se estabelecer, segundo Oskar Lange (op.cit, p. 247), na firme rejeição da

[...] tese da existência de qualquer espécie de regularidade na vida social [e econômica], afirmando que, no desenvolvimento das sociedades humanas, não há elementos suscetíveis de repetir-se. A tarefa da Economia consiste, pura e simplesmente, em expor o desenvolvimento histórico da vida econômica das nações. Assim concebida, a Economia Política transforma-se em História Econômica.

87 Augustin Vernet, tradutor do livro, escrito por Max Weber, “A Metodologia das Ciências Sociais”, traduz este título para o português como “A Economia Política sob o ponto de vista histórico” (op.cit, p. 31).

A partir desta longa citação, percebe-se que as ideias metodológicas para a economia, que em Roscher e Hildebrand foram apenas intenções e ideias esparsas, são determinadas de forma clara em Knies, de acordo com a historiografia. Contudo, o cumprimento deste objetivo geral e um maior desenvolvimento desta metodologia em outros livros, para Eric Roll (op.cit, p. 298), nunca se concretizou, deixando, mais uma vez, o seu desenvolvimento para outros economistas.

Por fim, é de se perceber, para Charles Gide e Charles Rist (op.cit, p. 384), que os trabalhos de Karl Knies “[...] passaram quase despercebidos, ignorado tanto por historiadores e economistas, até que a Nova Escola Histórica de Economia chamou atenção para este livro, do qual uma nova edição apareceu em 1883⁸⁸”.

Percebe-se, ao estabelecer estas breves notas sobre os trabalhos de Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies, que as ideias metodológicas desta escola, que ficou conhecida como a “Velha Escola Histórica Alemã”, ficaram apenas em uma formação inicial (GIDE e RIST, op.cit, p. 385). Com isto, estas ideias necessitavam de um maior desenvolvimento, que ficou a cargo da chamada “Nova Escola Histórica Alemã de Economia” e seu líder, Gustav Schmoller, que trataremos de maneira breve a seguir.

Gustav Schmoller, fundador e principal membro da “Nova Escola Histórica Alemã de Economia”, teve uma longa carreira acadêmica, sendo professor das Universidades de Halle (1864-1872), Estrasburgo (1872-1882) e Berlim (1882-1913) (HÜLSMANN, 2007, p. 117, nota 31). Dentre suas principais publicações, destacam-se os dois volumes, publicados em 1900 e 1904, do livro “*Grundriss der Volkswirtschaftslehre*⁸⁹”, além do artigo “*Zur Methodologie der Staats - und Sozialwissenschaften*⁹⁰”, em que critica duramente as ideias metodológicas de Carl Menger (ideias que serão tratadas mais adiante).

Para Charles Gide e Charles Rist (op.cit, p. 386), a grande contribuição da “Nova Escola Histórica” foi ter saído das intenções metodológicas nunca completadas por Roscher, Hildebrand e Knies. Em outras palavras, esta escola de pensamento tentou, concluem os economistas franceses, “[...] colocar a teoria em

88 Tradução livre do inglês “*passed almost unnoticed, ignored by historians and economists alike, until the younger Historical school called attention to his book, of which a new edition appeared in 1883.*”

89 Em uma tradução livre do alemão para o português, o título ficaria escrito da seguinte forma “*Esboço da Economia Política*”

90 Em uma tradução livre para o português, o título ficaria da seguinte maneira: “*Sobre a Metodologia das Ciências do Estado e das Ciências Sociais*”.

prática.⁹¹”. Com isto, surgiu um grande ânimo para as investigações envolvendo elementos históricos nos trabalhos econômicos, principal elemento dessa escola (SCHUMPETER, 1954, p. 778).

Contudo, em muitos aspectos, suas diferenças com a “Velha Escola Histórica” levaram a um afastamento dos ideais expostos por esta escola. Conforme assevera Eric Roll (op.cit, p. 298), Schmoller e sua escola “já não negam a existência de leis sociais.”. Até mesmo um dos cavalos de batalha da escola anterior, a crítica aos economistas da Escola Clássica, foi severamente modificada pela “Nova Escola Histórica”. Em resumo, para Eric Roll (ibid, p. 298), Schmoller “[...] põe em dúvida a aptidão do método clássico para descobri-las.”. Dessa forma, a negação da existência das leis econômicas por parte de Karl Knies foi deixada de lado.

Baseado nesta breve discussão pode-se dizer, segundo Oskar Lange (op.cit, p. 247-248), no tocante a Schmoller e sua escola, que eles

[...] trouxeram ampla contribuição a essa disciplina [História Econômica], reunindo grande cópia de material e elaborando monografias; todavia, a seus trabalhos falta um pensamento teórico orientador. O chefe da nova escola histórica, Gustave [sic] Schmoller, tentou apresentar sob forma de síntese os trabalhos de sua escola. O resultado foi uma obra em dois volumes [o *Grundriss*], contendo enorme quantidade de fatos histórico-econômicos interessantes, mas que não se encontram ligados por nenhum pensamento teórico. Assim, pode-se dizer desta obra, não sem razão, que tanto pode ser lida do princípio para o fim como do fim para o princípio.

Dessa forma, após estas breves referências a Escola Histórica Alemã de Economia, pode-se afirmar que esta escola, como um todo, possuiu dois momentos distintos. No primeiro momento, a Escola tinha um grandioso projeto teórico para a ciência econômica, fundamentado no chamado “método histórico”. Em seu segundo momento, evidenciou seu caráter prático com suas produções, mas enfrentou dificuldades em sua parte teórica. Em nenhum momento houve uma aproximação das duas virtudes dos dois momentos, o que certamente contribuiu para a diminuição da influência dessa escola após a morte do líder da “Nova Escola Histórica” em 1917.

3.2 AS CONCEPÇÕES DE MENGER SOBRE A METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS

91 Tradução livre do inglês “to put theory into practice.”

Nesta parte, será trabalhado, de maneira breve, as visões metodológicas de Carl Menger para as ciências econômicas, de modo a perceber suas críticas metodológicas aos economistas da Escola Histórica Alemã.

O primeiro elemento relativo ao método das ciências econômicas na obra "*Investigations into the Method of the Social Sciences*" é a divisão dessas ciências, procedimento que, de acordo com Max Weber (op.cit, p. 5), "[...] é fundamental para a classificação e a diferenciação dos conceitos científicos.". Posto de outra forma, com essa divisão, Menger estabelecerá uma delimitação das áreas em que cada ciência econômica irá atuar.

Para Carl Menger (op.cit, p. 38-39), há três ciências que, em conjunto, formam a ciência econômica: as ciências *históricas*; as ciências *práticas*; e as ciências *teóricas* da economia.

As ciências *históricas*, representadas pela "estatística" e a "história" da economia, que teriam o papel de "[...] investigar e descrever os fenômenos econômicos em sua natureza *individual* e sua conexão *individual*"⁹². (MENGER, ibid, p. 38-39) (Grifos meus). Desta forma, estas ciências têm a característica, tal como descrita por Weber (op.cit, p. 4-5), de possuir "[...] um conteúdo cada vez maior e, conseqüentemente, uma abrangência cada vez menor."

As ciências *teóricas*, por outro lado, têm o seu foco voltado para "[...] a tarefa de investigar e descrever sua⁹³ natureza *geral* e suas conexões *gerais* (suas leis)⁹⁴." (MENGER, op.cit, p. 39) (Grifos meus). Para Max Weber (op.cit, p. 3-4), de forma "[...] a conseguir a realização deste ideal, faz-se cada vez mais necessário afastar dos eventos e dos processos concretos toda sorte de causalidade e acontecimentos fortuitos.". Em sua essência, completa Weber (op.cit, p. 4), essas ciências "[...] possuem uma abrangência⁹⁵ cada vez maior e, por isso, um conteúdo cada vez maior.". Esta divisão entre as ciências *históricas* e a ciência *teórica* é a fonte de toda a discordância metodológica existente entre Carl Menger e os economistas da Escola Histórica Alemã⁹⁶.

92 Tradução livre do inglês "[...] *investigating and describing the individual nature and the individual connection of economic phenomena.*"

93 Aqui Menger está se referindo, tal como no parágrafo acima, aos "fenômenos econômicos".

94 Tradução livre do inglês "[...] *the task of investigating and describing their general nature and general connection (their laws).*"

95 No primeiro livro de Menger, o "*Principles of Economics*", esta abrangência já é bastante clara (2007, p. 48): as leis econômicas, desenvolvidas pelas ciências teóricas, teriam uma validade universal e seriam "[...] completamente independentes da vontade humana."

96 Trataremos brevemente desta discordância mais a frente, ao final deste subcapítulo.

Por fim, as ciências *práticas*, com os estudos das finanças e das políticas econômicas, possuem como encargo “[...] investigar e descrever os princípios básicos para uma ação adequada (adaptada à variedade de condições) no campo da economia nacional [...]”⁹⁷.” (MENGER, op.cit, p. 39). Em suma, esta ciência está intimamente ligada aos governos, de modo a estabelecer as bases para a tomada de decisões, no campo econômico, dos governantes.

Dentre as ciências teóricas, Menger acredita (ibid, p. 55) que “[...] seria uma brutal parcialidade se se acreditasse que a orientação de pesquisa geral [teórica] nos vários reinos do mundo dos fenômenos [...] é, por necessidade, uma sem quaisquer diferenças.⁹⁸”. Com esta ideia, ele irá aprimorar sua divisão das ciências econômica, e estabelecer de modo mais firme a sua defesa da ciência teórica, muito criticada pelos membros da Escola Histórica Alemã.

Dessa forma, Menger defende que há, na ciência teórica, duas orientações de pesquisa distintas: a orientação “empírico-realista” e a orientação “exata” (ibid, p. 56 e 59).

Na orientação “empírico-realista”, o economista procura, para Menger (ibid, p. 56), “[...] organizar a totalidade dos fenômenos [econômicos] reais em formas empíricas precisas e, de uma maneira empírica, determinar as *regularidades* em sua coexistência e em seu desenvolvimento.⁹⁹”. Tal perspectiva de análise não era estranha aos economistas da Escola Histórica Alemã, uma vez que, por exemplo, Bruno Hildebrand defendia uma economia baseada no desenvolvimento histórico dos povos. A principal inovação que Carl Menger traz para esta perspectiva de análise está na redução desta análise a fenômenos específicos, como por exemplo, a propriedade privada, o juro e o capital na economia, por exemplo (ibid, p. 36). Em suma, esta visão não teria o caráter geral que pretendia Hildebrand.

Já na “orientação exata”, o economista, de acordo com Menger (ibid, p. 60) “[...] procura determinar os elementos mais simples de tudo o que é real, elementos que precisam ser pensados na medida em que são estritamente típicos apenas

97 Tradução livre do inglês “*investigating and describing the basic principles for suitable action (adapted to the variety of conditions) in the field of national economy.*”

98 Tradução livre do inglês “*it would be a gross one-sidedness to believe that the general orientation of research in the various realms of the world of phenomena [...] is of necessity one without differences.*”

99 Tradução livre do inglês “[...] *to arrange the totality of the real phenomena in definite empirical forms and in an empirical way to determine the regularities in their coexistence and succession.*”

porque são os mais simples.¹⁰⁰ Tal orientação, por outro lado, já tinha desenvolvido esta orientação na obra "*Principles of Economics*", uma vez que procura explicar a economia a partir de seu elemento mais simples, isto é, o "bem econômico", algo que já foi tratado no primeiro capítulo desta monografia.

Com esta construção, Menger defende a visão de que as ciências teóricas sempre terão algo de abstração, seja dos outros elementos econômicos essenciais (no caso da orientação empírico-realista), seja de todo o contexto social existente (no caso da orientação exata). Desta forma, nas duas orientações, a "abrangência", utilizando-se da linguagem weberiana tratada anteriormente, passa a ser, com o tempo, maior, e o "conteúdo", menor em importância para o economista.

Por fim, um último ponto da metodologia desenvolvida por Carl Menger é aquela que se entende por uma "Compreensão orgânica dos fenômenos sociais", título da terceira parte do livro "*Investigations into the Method of the Social Sciences*". Em essência, faz-se uma aproximação entre as ciências naturais e as ciências sociais para a explicação dos fenômenos sociais, ao tratar os povos como sendo "espécies" ou "órgãos" do corpo humano (MENGER, *ibid*, p. 130)

Tal procedimento de análise, no meio acadêmico em língua alemã, era muito utilizado. Isto se percebe pela longa apreciação que Max Weber faz ao trabalho de Wilhelm Roscher, no primeiro capítulo do seu livro "Metodologia das Ciências Sociais".

Para Weber, no contexto desta apreciação, considera (op.cit, p. 17) que "[...] tratar os povos como se fossem 'espécies' só é possível quando supomos que a evolução de cada povo dar-se-ia num ciclo fechado e característico, à maneira dos outros seres vivos". Contudo, a afirmação de que a história, ou mesmo qualquer ciência social desenvolver uma teoria que estude este fenômeno, assevera Weber (*ibid*, p. 20), não possui "conteúdo empírico" ou experimental, mas "abstrato", o que prejudica enormemente esta tentativa de compreender os fenômenos sociais por esta perspectiva.

Carl Menger (op.cit, p. 133), para escapar deste problema citado acima, procura limitar o campo de análise desta perspectiva, limitando-a apenas a eventos específicos, como a origem do Estado, da língua, das cidades e do dinheiro¹⁰¹.

100 Tradução livre do inglês "*it seeks to ascertain the simplest elements of everything real, elements which must be thought of as strictly typical just because they are the simplest.*"

101 Menger formula esta perspectiva através de uma importante pergunta (1985, p. 146): "Como

Em essência, estas “instituições”, para o economista austríaco (ibid, p. 146), surgiram de um longo processo, no qual não envolveu nenhum ato de fundação ou uma lei, ou uma “vontade comum”, mas de atos individuais, que se transformaram, com o tempo em “costume” e apenas depois seriam alterados por uma legislação estabelecida (MENGER, ibid, p. 152 e 157).

A aproximação, com a perspectiva orgânica, nesta análise de Menger, é muito sutil. Basicamente, é feita apenas a partir da similaridade de que as funções de um organismo são construídas através das menores partes (células), e que evoluem para tecidos, órgãos, sistemas e, finalmente, para o corpo do organismo como um todo (MENGER, ibid, p. 130).

Passada esta fase da discussão sobre os pontos metodológicos defendidos por Carl Menger, é necessário, ao final deste subcapítulo, tentar compreender qual é o papel da história na ciência econômica, principalmente em seu ramo teórico, para ele. Com esta discussão, as divergências metodológicas entre Menger e os economistas da Escola Histórica Alemã ficarão mais claras para o leitor.

Conforme visto anteriormente, Menger entende que a história é parte integrante da ciência econômica, entendendo fenômenos econômicos individuais e sua conexão com o mundo. Desta forma, fica claro, como sustenta Ricardo Feijó (2000, p. 17), a posição que o economista austríaco “[...] nunca se opôs ao método histórico [na ciência econômica].”.

Todavia, Menger compreende que houve, por parte dos economistas da Escola Histórica, uma supervalorização dos estudos históricos, de modo que eles puseram, para ele “[...] problemas científicos de importância secundária como sendo fundamentais [para a ciência econômica]¹⁰².” (op.cit, p. 100-101). Desta forma, Menger tenta refutar as principais ideias metodológicas dos líderes da Escola Histórica Alemã, que são Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies, já discutidos anteriormente.

Quando foi tratada brevemente a obra de Wilhelm Roscher, foi visto que, em muitos aspectos, Roscher procurou suprir as teorias da Escola Clássica com amplo

pode ser que instituições que servem ao bem comum e são extremamente significantes para o seu desenvolvimento podem surgir sem uma vontade comum dirigida ao seu estabelecimento?” (Grifos do autor). (Tradução livre do inglês “How can it be that institutions which serve the common welfare and are extremely significant for its development come into being without a common will directed toward establishing them?”

102 Tradução livre do inglês “scientific problems of secondary significance as the pivotal point of research [...]”.

material histórico, de maneira a torná-las mais completas. Menger rejeita abertamente esta ideia metodológica, alegando que ela “[...] não é teoria ou escrita histórica, e muito menos uma ciência econômica teórica tratada pelo ponto de vista das considerações históricas¹⁰³.”. Em outras palavras, pouco contribuiria para a solução dos problemas teóricos para a economia (ibid, p. 115-116).

Sobre as ideias de Bruno Hildebrand, foi observado que este defendia uma economia baseada na descoberta de leis sobre o desenvolvimento das nações, que apenas seriam acessíveis pelo método histórico. Menger critica duramente esta visão metodológica, afirmando que (ibid, p. 118-119)

Apenas a mais extrema parcialidade científica poderia argumentar que os paralelismos na vida nacional e estatal em geral e no desenvolvimento da economia em particular são regularidades absolutas, ou, em outras palavras, que os desenvolvimentos dos fenômenos discutidos aqui exibem uma conformidade estrita a uma lei.¹⁰⁴

Dessa forma, a ciência econômica, para Menger, se seguisse o caminho proposto por Bruno Hildebrand, ficaria sempre em dúvida, uma vez que raramente os acontecimentos históricos apresentariam uma estrita adesão a uma lei geral para o desenvolvimento dos povos.

Por fim, observou-se que Karl Knies era o mais radical dos três principais economistas alemães do início da Escola Histórica Alemã, pois rejeitava a concepção de que a ciência econômica seria baseada em leis, sejam elas baseadas em leis teóricas ou em leis do desenvolvimento.

Sobre esta perspectiva metodológica na ciência econômica, a crítica de Menger parte do princípio de que Knies confundiu a divisão das ciências econômicas (ibid, p. 116-117). Voltando rapidamente a esta questão, já tratada anteriormente, o economista austríaco considera que as ciências históricas da economia têm o papel da investigação de fenômenos *individuais*, enquanto as ciências teóricas investigam os fenômenos econômicos em suas características *gerais*.

Dessa forma, Menger (ibid, p. 117), ao resumir sua crítica a esta postura metodológica representada por Knies, conclui que

103 Tradução livre do inglês “*is neither theory nor historical writing, and least of all a theoretical economics from the point of view of historical consideration.*”

104 Tradução livre do inglês “*Only the most extreme scientific one-sidedness could assert that the parallelisms in national and state life in general and in the development of economy in particular are absolute regularities, or, in other words, that the development of the phenomena under discussion here exhibits a strict conformity to law.*”

[...] Apenas aqueles que completamente falharam em reconhecer a natureza das ciências históricas podem, portanto, se curvar à ilusão de que, do estudo da história em geral, e da economia em particular, conhecimentos podem ser obtidos sobre a natureza geral e das conexões gerais dos fenômenos da economia humana como um todo.¹⁰⁵

Em outras palavras, com a divisão das ciências econômicas feita por Menger, torna-se impossível para que outro método além do “empírico-realista” e do “exato” estude a economia em seus aspectos gerais. Ou seja, métodos históricos, tais como os propostos por Roscher, Hildebrand e Knies, são afastados das ciências teóricas. Estes são os pontos da divergência entre Menger e estes economistas.

Passado este breve tratamento das ideias metodológicas de Menger e de sua crítica aos ideais metodológicos da Escola Histórica Alemã, pode-se passar, finalmente, ao tratamento dado por Menger aos economistas da Escola Histórica Alemã em suas obras econômicas, que serão feitas no próximo subcapítulo.

3.3 O TRATAMENTO DADO POR CARL MENGER AOS ECONOMISTAS DA ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ

Ao longo desta monografia, foi trabalhado o contexto histórico em que Carl Menger viveu (a Viena ao final do século XIX); suas contribuições para a ciência econômica (a Teoria do Valor Subjetivo); os economistas e das ideias da Escola Histórica Alemã de Economia; e as concepções de Carl Menger para a metodologia das ciências econômicas.

A partir destas discussões, pode-se passar ao objetivo central desta exposição, que é o estudo do tratamento que Carl Menger conferiu aos economistas alemães e, particularmente, aos economistas da Escola Histórica Alemã¹⁰⁶.

Para tanto, este estudo será feito a partir dos dois livros que Menger publicou em vida: o *Principles of Economics*, publicado em 1871 e o *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*, publicado doze anos mais tarde.

Com a leitura das duas obras e, com o direcionamento dado pelo objetivo

105 Tradução livre do inglês “Only those who completely fail to recognize the nature of the historical sciences can thus yield to the illusion that, from the study of history in general and of economy in particular, insight may be gained into the general nature and the general connection of the phenomena of human economy in general.”

106 É necessário frisar aqui que já foram apontadas, no último subcapítulo, algumas das críticas que Carl Menger fez aos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia. Desta forma, ainda que de maneira ainda breve e bem generalizada, já foi objeto de análise deste estudo o tratamento que o economista austríaco conferiu aos seus pares.

enunciado anteriormente, foi fundamental identificar certos problemas. Como aparecem, na obra de Menger, os economistas alemães? Aparecem como influenciadores de sua obra? São alvos de críticas? Se criticados, como se dá esta crítica? O porquê desta crítica? Há diferenças no tratamento aos economistas alemães nas duas obras? São essas perguntas, na medida do possível, que se tentará responder neste tópico.

Para se chegar a uma resposta elucidativa para estas perguntas, a leitura das obras se orientou não tanto pela leitura do texto principal, mas de outros elementos do texto, como por exemplo, os prefácios, as notas de rodapé e, no caso da primeira obra, da dedicatória de Menger, endereçada ao economista alemão Wilhelm Roscher, um dos fundadores da Escola Histórica Alemã de Economia.

Todavia, antes de se passar a uma resposta para estas perguntas, é necessário fazer uma distinção temporal importante entre estas duas obras citadas, que em muito ajudará na compreensão do tratamento dos economistas alemães por parte de Carl Menger.

Na primeira obra, o *Principles of Economics*, Menger contava com apenas trinta e um anos de idade, recém-saído do doutorado da Universidade de Cracóvia que tinha obtido no ano de 1867 (SCHULAK e UNTERKÖFLER, 2011, p. 30). A sua pretensão, com a publicação desta obra, era garantir uma habilitação para lecionar nas Universidades do Império Austro-Húngaro (SCHULAK e UNTERKÖFLER, *ibid*, p. 30).

Na segunda obra, por outro lado, não teve estes elementos. A razão disto está no fato que Menger já havia sido nomeado para a cadeira de economia da Universidade de Viena em 1878, cinco anos antes. Desta forma, gozava de ampla proteção e liberdade, uma vez que possuía estabilidade acadêmica e fama no cenário acadêmico austríaco (HÜLSMANN, *op.cit*, p. 138).

Passada esta distinção, a primeira menção que se aproxima do problema da monografia está na dedicatória da obra *Principles of Economics*. Nela, Menger é cordial ao economista alemão Wilhelm Roscher que, conforme visto anteriormente é o fundador da Escola Histórica Alemã de Economia. Como construiu Menger (2007, p. 43), “Dedicado pelo autor com *uma respeitável consideração* ao Dr. Wilhelm Roscher, Real Conselheiro da Saxônia, professor das ciências políticas e

governamentais da Universidade de Leipzig¹⁰⁷” (Grifos meus).

Portanto, esta dedicatória está longe de anunciar o clima agressivo que o *Methodenstreit* desenvolveria no futuro. Muito pelo contrário, tal dedicatória poderia ser lida como uma adesão aos ensinamentos econômicos de Wilhelm Roscher, caso o leitor não tivesse uma leitura anterior do *Methodenstreit* ou do *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*.

No prefácio do *Principles of Economics*, o mesmo clima se mantém. Primeiramente, Carl Menger acredita que o erro, na ciência econômica, é um elemento importante no avanço desta ciência (ibid, p. 46). A esse respeito, Menger afirma:

Mirar no descobrimento dos pontos fundamentais de nossa ciência é devotar a habilidade de uns para a solução de um problema que está diretamente relacionado ao bem estar humano, de servir a um interesse público da mais alta importância, e de adentrar em um caminho no qual mesmo o erro não é inteiramente desprovido de mérito.¹⁰⁸

Como será visto posteriormente, na análise do *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*, este ponto será radicalmente modificado pelo economista austríaco, quando este responsabiliza os economistas alemães pela falta dos avanços na compreensão dos fenômenos econômicos.

Posteriormente (ibid, p. 46), Menger irá aprofundar a citação anterior, acreditando que o erro deve ser olhado não com agressividade, mas no sentido da correção destes erros, reconhecendo o mérito e a importância do economista que formulou este erro. Desta forma, Menger sublinhou:

De modo a evitar qualquer dúvida justificável de parte de especialistas, nós não devemos, nesta empresa, negar atenção cuidadosa aos trabalhos anteriores em todos os campos da ciência que já foram explorados. Da mesma forma, não devemos nos abster de fazer críticas, com *total independência de julgamento*, aos posicionamentos de nossos predecessores, e mesmo a doutrinas até hoje consideradas como realizações definitivas de nossa ciência (Grifo meu).¹⁰⁹

107 Tradução livre do inglês “*Dedicated by the author with respectful esteem to Dr. Wilhelm Roscher Royal Saxonian Councillor Professor of Political and Cameral Sciences at the University of Leipzig.*”

108 Tradução livre do inglês “*To aim at the discovery of the fundamentals of our science is to devote one’s abilities to the solution of a problem that is directly related to human welfare, to serve a public interest of the highest importance, and to enter a path where even error is not entirely without merit.*”

109 Tradução livre do inglês “*In order to avoid any justifiable doubts on the part of experts, we*

A partir desta citação, deve-se recordar ao leitor que, por ser uma obra escrita no século XIX, a sua escrita está influenciada por uma prática da época, sempre enfatizando uma *independência* e *neutralidade* no tratamento da ciência, algo que foi objeto de grandes debates dentro das ciências humanas ao longo dos séculos XX e XXI.

Ao final do prefácio, encontra-se a principal referência aos economistas alemães nesta obra de Carl Menger, e que será de fundamental importância para a resposta da problemática desta monografia.

Nos dois últimos parágrafos de seu prefácio, Menger (ibid, p. 49) faz seus agradecimentos e influências para a confecção de seu trabalho econômico. E estes agradecimentos vão, em larga medida, aos economistas alemães, muito elogiados no primeiro dos dois parágrafos:

Foi um prazer especial para mim que o campo aqui tratado, composto pelos princípios mais gerais de nossa ciência, é, verdadeiramente, em nenhum grau menor o produto de desenvolvimentos recentes na economia política alemã, e que *a reforma dos mais importantes princípios de nossa ciência aqui tentados é, portanto, construída sobre uma fundação colocada por trabalhos anteriores que, quase em sua totalidade, foram produtos da indústria de intelectuais alemães* (Grifo meu).¹¹⁰

Posto de outra forma, não é exagero dizer que Menger, nesta citação, acredita que seu trabalho foi facilitado pelo avanço da compreensão dos economistas alemães dos fenômenos da economia. Portanto, pode-se resumir que o economista austríaco está em débito com os trabalhos dos economistas alemães e, particularmente, a partir da dedicatória citada anteriormente, ao professor Wilhelm Roscher, fundador da Escola Histórica Alemã de Economia.

O elogio do primeiro parágrafo é estendido para o segundo, e último do prefácio, parágrafo citado aqui. Nele, Menger (ibid, p. 49) coloca-se meramente como um auxiliar da reforma da ciência econômica feito na Alemanha. É desta forma que ele se apresentará academicamente aos economistas alemães:

must not, in such an enterprise, neglect to pay careful attention to past work in all the fields of our science thus far explored. Nor can we abstain from applying criticism, with full independence of judgment, to the opinions of our predecessors, and even to doctrines until now considered definitive attainments of our science."

110 Tradução livre do inglês "It was a special pleasure to me that the field here treated, comprising the most general principles of our science, is in no small degree so truly the product of recent development in German political economy, and that the reform of the most important principles of our science here attempted is therefore built upon a foundation laid by previous work that was produced almost entirely by the industry of German scholars."

Seja esta obra considerada, portanto, como uma saudação amistosa de um colaborador da Áustria, e como um débil eco das sugestões científicas, *tão abundantemente generosas a nós austríacos*, da Alemanha através dos muitos intelectuais espetaculares que ela tem nos mandado e através de suas excelentes publicações (Grifo meu).¹¹¹

Em resumo, pode-se considerar que, neste prefácio, Carl Menger adota uma postura bastante humilde perante a colocação de sua obra no campo acadêmico econômico em língua alemã. Isto se percebe pela dedicatória que faz a um dos mais influentes economistas alemães, Wilhelm Roscher; pelas suas considerações perante o erro na ciência econômica, sendo ele parte do avanço da ciência e anunciando o seu tratamento “independente” quando for tratá-los; e finalmente, aos seus fartos elogios aos economistas, intelectuais e publicações acadêmicas alemãs.

Antes de se completar a análise desta fonte, deve-se passar a uma procura, no texto principal e, principalmente nas notas de rodapé, da aplicação destes elogios, verificando se Carl Menger cita os economistas alemães, e a forma com que ele os cita, verificando se ele os cita como autoridades no assunto, se os critica e, finalmente, como os critica.

Para facilitar o trabalho do leitor, os tradutores da obra *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* para o inglês, James Dingwall e Bert Hoselitz, filtraram as longas notas de rodapé construídas por Menger, passando-as para “apêndices”, localizados ao final do texto principal. Nota-se que estes apêndices, em sua totalidade, são marcados por uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos que são fundamentais para a economia, como por exemplo, o valor, o capital, dinheiro, entre outros. Será nestas pesquisas bibliográficas que aparecerão as obras citadas de economistas alemães (e particularmente os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia), e que ajudarão esta monografia a responder a sua problemática.

Percebe-se de uma maneira geral que Carl Menger fez um grande esforço para exibir ao leitor uma ampla pesquisa bibliográfica, uma vez que ele cita, além dos autores alemães, economistas e filósofos de várias tradições e países diferentes. Além disso, as obras alemãs são apresentadas separadamente das de outros países, e nessa apresentação, muitas vezes o autor austríaco acaba por privilegiar os trabalhos provenientes da Alemanha.

111 Tradução livre do inglês “*Let this work be regarded, therefore, as a friendly greeting from a collaborator in Austria, and as a faint echo of the scientific suggestions so abundantly lavished on us Austrians by Germany through the many outstanding scholars she has sent us and through her excellent publications.*”

Para exemplificar este tratamento, pode ser tomado como parâmetro o apêndice B, que traz as pesquisas bibliográficas do conceito “Riqueza”. Menger (ibid, p. 290), a este respeito, demonstra uma opinião bastante favorável aos economistas alemães no tratamento desse conceito econômico quando comparado com seus pares ingleses e franceses:

Enquanto os economistas ingleses e franceses meramente distinguem bens que são representativos de riqueza daqueles que não são, Hermann [...] vai mais longe, uma vez que ele contrasta bens econômicos (objetos de poupança¹¹²) com bens que são gratuitos. Esta distinção, desde então, tem se mantido nos trabalhos da economia alemã com poucas exceções.¹¹³

Com a primeira distinção tratada acima, sobre bens “representativos de riqueza”, trouxe, para Menger (ibid, p. 291), grandes dificuldades para os economistas da Inglaterra e da França, que não conseguiriam definir de maneira clara o conceito de “riqueza”, que assumiria um caráter cada vez mais “amplo” e, com isso, contraditório. Desta forma, o tratamento deste conceito na Alemanha seria superior aos dos outros países.

Passando dos economistas alemães como um todo para os economistas da Escola Histórica Alemã, percebe-se que se aplica o mesmo tratamento desta escola quando se comparado com outros economistas alemães, com apenas uma exceção.

No apêndice D, que trata das tentativas de se chegar a uma “medida do valor”, Menger faz uma crítica ao trabalho de Karl Knies, membro da Escola Histórica Alemã de Economia, sobre esta questão (ibid, p. 299-300). Todavia, mesmo esta crítica não deixa de ser acompanhada por elogios por parte do economista austríaco. Em relação a esta crítica, Carl Menger afirma:

[...] se o princípio da medida de valor de Knies estivesse correto, a água fresca da nascente ocuparia um dos mais altos lugares na escala das espécies de bens. Mas *quantidades concretas* deste bem normalmente não possuem valor, e *espécies de bens* não podem, de qualquer maneira, não têm valor, como eu já havia mostrado. [...] [Todavia, Knies] muito corretamente formula a proposição que a medida da utilidade de uma coisa é fundamentalmente distinta da medida de seu valor. Mas Knies não obteve

112 Aqui, este termo “poupança” (“*Economizing*”), em inglês, deve ser compreendido no sentido que Menger desenvolveu na sua teoria do bem econômico (2007, p. 95), significando o bem sobre o qual há uma preocupação do agente (o homem) em ter para si o máximo possível deste bem, no intuito de satisfazer suas necessidades, mesmo de maneira parcial.

113 Tradução livre do inglês “*Whereas the English and French economists merely distinguish between goods that are wealth and goods that are not, Hermann [...] goes much deeper, since he contrasts economic goods (objects of economizing) with free goods. This distinction has since been maintained in German economics with few exceptions.*”

sucesso na formulação de um princípio para determinar a magnitude do valor de uso em sua forma *concreta*, muito embora ele chega muito perto em um ponto desta formulação em seu rico e sugestivo ensaio [sobre o valor].¹¹⁴

Em outras palavras, mesmo no erro de Karl Knies sobre a medida do valor de um objeto possui pontos fortes, na visão de Carl Menger. De certa maneira, ele seguiu seu anúncio no prefácio de sua obra, tentando enxergar, a todo o momento, os acertos quando um economista comete um erro de análise.

A partir dessa análise da primeira obra, através da dedicatória, do prefácio e dos apêndices do texto principal, observa-se que Carl Menger tratou as obras dos economistas alemães, e dos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia em particular, de uma maneira bastante laudatória, de maneira que os economistas alemães forneceram ao economista austríaco inspirações para a sua análise econômica.

Doze anos depois, na obra *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*, publicada em 1883, todo o tratamento favorável e amistoso dado por Carl Menger aos economistas alemães desaparece. Muito pelo contrário, eles passam a ser atacados, principalmente em sua metodologia.

Logo no primeiro parágrafo do prefácio, Menger (1985, p. 23), observa que a ciência econômica, ao menos em sua parte teórica, ainda não se desenvolveu em solo alemão. Acerca desta afirmação, Menger afirma:

As investigações teóricas no campo da economia política, *particularmente na Alemanha*, não tem, *de forma alguma*, progredido até agora para uma metodologia verdadeira desta ciência. Em vez disso, os problemas teóricos que ocupam os economistas alemães, e em grande medida seus colegas não alemães, principalmente revolvem em torno da natureza e do próprio conceito de economia política. [...] Eles não revolvem em torno dos caminhos intelectuais para os objetivos da pesquisa econômica, uma vez que eles ainda estão em dúvida.¹¹⁵

114 Tradução livre do inglês “[...] Hence, if Knies’ principle of the measure of value were correct, fresh spring water would occupy one of the highest points on the scale of species of goods. But concrete quantities of this good normally have no value, and species of goods cannot have value at all, as I already have shown. [...] thus very correctly formulating the proposition that the measure of the utility of a thing is something fundamentally different from the measure of its value. But Knies does not succeed in formulating a principle for determining the magnitude of use value in its concrete form, although he comes very close to it at one point in his richly suggestive essay.”

115 Tradução livre do inglês “Theoretical investigations in the field of political economy, particularly in Germany, have by no means progressed as yet to a true methodology of this science. Rather, the theoretical issues which occupy German economists, and to no small extent their non-German colleagues, revolve chiefly about the nature and the very concept of political economy [...] They do

Por mais que este primeiro parágrafo contenha críticas aos economistas de outros países, o leitor não deve prever que o economista austríaco tenha como objetivo principal criticá-los. O alvo principal de suas críticas está nas visões metodológicas da ciência econômica defendidas pelos economistas alemães.

A primeira grande crítica de Menger está no grande prestígio acadêmico e autoridade dos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia. Ele formula esta crítica da seguinte forma (ibid, p. 27):

Princípios metodológicos errôneos suportados por poderosas escolas prevalecem completamente e a parcialidade julga todos os esforços em um campo de conhecimento. [...] Para mim, parece que, no presente, este é o estado predominante da pesquisa no campo da economia política na Alemanha.¹¹⁶

A seguir (ibid, p. 29), Menger acusa os economistas da escola histórica alemã de buscarem, através da reforma da ciência econômica por meio da metodologia histórica, popularidade no campo acadêmico alemão, justamente por terem reformado toda a ciência econômica. Sobre esta questão, ele alegou:

[...] [O] estado insatisfatório [da ciência econômica] não pode ser resultado de uma habilidade intelectual inadequada para a solução de seus problemas, mas de uma orientação errônea de pesquisa, e uma cura para tudo era esperado de uma nova orientação [de pesquisa]. [...] A fama de um pioneiro, um criador de novas orientações de pesquisa [...] estava ao alcance com apenas um dispêndio moderado de meios intelectuais. Não admira que, dentre os verdadeiros economistas acadêmicos da Alemanha, o desenvolvimento da teoria tenha cada vez mais declinado.¹¹⁷

Resumindo esta crítica inicial, sobre a busca da “fama” dos “pioneiros” por parte dos economistas que formaram a Escola Histórica Alemã e de sua tentativa de estabelecer novas perspectivas de pesquisa, Menger continua, e aprofunda esta crítica (ibid, p. 30):

not revolve about the intellectual roads to the goals of economic research, for the latter are themselves still in question.”.

116 Tradução livre do inglês “*Erroneous methodological principles supported by powerful schools prevail completely and onesidedness judges all efforts in a field of knowledge. In a word, the progress of a science is blocked because erroneous methodological principles prevail. [...] this seems to me now to be the presently prevailing state of research in the field of political economy in Germany.*”

117 Tradução livre do inglês “*Its unsatisfactory state was not to be considered the result of a scholarly ability inadequate for the solution of its problems, but of an erroneous orientation of research, and a cure-all was to be expected from a new orientation. [...] The fame of a pioneer, a creator of new orientations of research had come within reach with such a moderate expenditure of intellectual means.*”

O desejo de desfazer o estado insatisfatório da economia política através da abertura de novos caminhos de pesquisa resultou, na Alemanha, em uma série de, por um lado, ilusórios, e, por outro, visões parciais da natureza de nossa ciência e de seus problemas. Além disso, resultou em visões que separam os economistas alemães do movimento atual na literatura sobre este objeto de pesquisa de todas as outras nações. De fato, resultou em visões as quais causaram com que os esforços alemães, por conta de sua parcialidade, aparecessem ininteligíveis, em casos individuais, aos economistas de fora da Alemanha.¹¹⁸

Conforme foi percebido anteriormente, quando se citou o primeiro parágrafo do prefácio da obra *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*, Menger critica brevemente os economistas de outros países por estarem ainda envolvidos na busca por uma definição correta. Contudo, ele percebeu (ibid, p. 28) anteriormente que haviam tentativas de aprofundar as pesquisas metodológicas na área econômica em língua inglesa, através de, como afirmou Menger, “[...] uma reforma [...] baseada nas ideias anteriores do problema e da natureza [da ciência econômica] e da doutrina fundada por Adam Smith [...]”¹¹⁹. Por mais que Menger não tenha dedicado um espaço de sua obra ao estudo dessas reformas econômicas, é necessário frisar esta afirmação do economista austríaco.

A segunda grande crítica que Carl Menger faz aos economistas da Escola Histórica Alemã parte da negação, por parte dessa escola, da possibilidade de se atingir o conhecimento de qualquer regularidade dos fenômenos econômicos por outros métodos que não sejam os históricos. Esta negação, na visão do economista austríaco, ocupa o lugar central do erro da Escola Histórica Alemã (ibid, p. 31). Acerca desta afirmação, Menger é enfático:

O núcleo [do mal¹²⁰] deve ser encontrado no desprezo pobremente ocultado e da negação básica de todas as outras orientações de pesquisa, e não infreqüentemente das que provaram serem as mais significantes em respeito ao todo de nossa ciência.¹²¹

118 Tradução livre do inglês “*The desire to do away with the unsatisfactory state of political economy by opening up new paths of research has led in Germany to a series of partly misleading, partly one-sided views of the nature of our science and its problems. It has led to views which separate the German economists from the movement in the literature of the subject of all other nations. Indeed, it has led to views which have caused the German efforts, on account of their one-sidedness, to appear unintelligible in individual cases to the non-German economists.*”

119 Tradução livre do inglês “*a reform on the basis of the previous views of its nature and problems and the doctrine founded by Adam Smith [...]*”

120 É utilizado este termo “do mal” a partir do uso anterior por parte de Menger desse erro da Escola Histórica no mesmo parágrafo que está sendo citado (1985, p. 31)

121 Tradução livre do inglês “*The core is to be found in the poorly cloaked contempt for and basic negation of all other orientations of research, not infrequently of those which prove to be the most*

Prosseguindo nessa crítica, Menger afirma que a Escola Histórica Alemã progrediu não pela força dos argumentos, mas pela pura força acadêmica, desconsiderando as críticas e os oponentes as suas ideias. Desta forma, Menger acaba por dar uma justificativa para a escrita do livro *“Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics”*. Nesse sentido, ele afirmou (ibid, p. 32):

Todos aqueles que seguiram em uma direção diferente [da que seguia a Escola Histórica] na Alemanha foram ignorados ao invés de refutados. [...] Em tais circunstâncias, é necessário, acima de tudo, de uma pesquisa sem nenhum preconceito na pesquisa e exame, e de uma crítica séria.¹²²

É necessário lembrar ao leitor, que esta obra foi escrita em 1883, e, desta maneira, Carl Menger estava influenciado pela ideia de que os estudos acadêmicos deviam ser feitos baseado em uma “neutralidade” e “objetividade” que, reafirmando o que foi dito anteriormente, foram objetos de grandes debates no campo das ciências humanas dos séculos XX e XXI.

Por fim, antes de encerrar seu prefácio, Menger tenta se defender de uma possível crítica de que ele teria escrito uma obra de maneira extremamente agressiva e de caráter polêmico contra os economistas da Escola Histórica Alemã. A esse respeito, ele escreveu (ibid, p. 31):

O caráter amplamente polêmico desta escrita, da qual estou ciente, não foi causada em nenhum momento por má vontade em direção aos representantes meritorios de nossa ciência. Veio à tona, na verdade, devido a natureza da tarefa que estabeleci para mim. Foi produzido por necessidade da minha concepção do presente estado da economia política na Alemanha. As polêmicas contra a orientação de pesquisa em economia atualmente prevalecente não foram, para mim, tanto um fim em si mesmas ou mesmo apenas uma ornamentação superficial. De fato, elas fazem parte essencial de minha tarefa, elas deveriam ser fortes e completas, mesmo tendo risco de ferir sentimentos em casos individuais.¹²³

significant in respect to the whole of our science.”

122 Tradução livre do inglês *“Anyone who followed a different direction in Germany was ignored rather than refuted [...] Under such circumstances there was above all need of an unprejudiced survey and examination, and of a serious criticism.”*

123 Tradução livre do inglês *“The largely polemic character of this writing, of which I am aware, was not caused even in a single instance by ill will toward meritorious representatives of our science. It came about rather because of the nature of the task I set myself. It was produced of necessity by my conception of the present state of political economy in Germany. The polemics against the presently prevailing orientation of research in economics were for me neither an end in themselves nor even a merely superficial ornamentation. They were an essential part of my task; indeed, they had to be forcible and sweeping, even at the risk of hurting feelings in individual cases.”*

Além desta defesa de sua obra por meio de seu caráter polêmico, Menger alega outro motivo para defender sua obra, encerrando seu prefácio (ibid, p. 32). Com esta obra, ele observa que tentaria empreender e alertar os economistas alemães para a reforma da ciência econômica, tão importante, em sua visão, na Alemanha:

Pensei em libertar [com esta obra], [a economia política] de seus aspectos parciais, danosos ao desenvolvimento de nossa ciência, de liberá-la de seu isolamento do pensamento acadêmico corrente, e, portanto, de preparar a reforma da economia política em solo alemão, uma reforma que ela urgentemente precisa à luz de seu estado insatisfatório.¹²⁴

Depois de encerrar o prefácio, percebe-se que, ao longo desta obra, não diminuíram os ataques aos economistas da Escola Histórica Alemã, que são vistos por Menger como imparciais estudiosos dos fenômenos econômicos. Da mesma forma, ele tentou encampar, sempre em crítica da Escola Histórica, sua visão metodológica, composta pela sua defesa da divisão das ciências econômicas em “históricas”, “teóricas” e “práticas”, do ponto de vista “exato” e do “empírico realista” na teoria econômica e, por fim, da “compreensão orgânica dos fenômenos sociais e econômicos”, trabalhados anteriormente nesta monografia.

Após esta pesquisa sobre o tratamento que Carl Menger deu aos economistas alemães nas duas obras, pode-se chegar a algumas observações, que, por fim, conseguirão responder a problemática estabelecida na introdução desta monografia: “De que maneira Carl Menger tratou os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia em suas obras econômicas?”

Percebe-se que, na obra “*Principles of Economics*”, publicada em 1871, Carl Menger tratou os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia, bem como os economistas alemães, de uma maneira bastante favorável, colocando-os como influenciadores de sua obra, sendo ele apenas um “colaborador” para as obras acadêmicas alemãs. Além disso, e este elemento é o mais importante para este tratamento, e que corrobora o que foi dito anteriormente neste parágrafo, é que o economista austríaco dedicou sua obra, sem qualquer indício de um ataque ou polêmica, ao economista alemão Wilhelm Roscher, fundador da Escola Histórica

124 Tradução livre do inglês “*I thought of liberating it from the one-sided aspects harmful to the development of our science, of freeing it from its isolation in the general literary movement, and thus of preparing for the reform of political economy on German soil, a reform which this science so urgently needs in the light of its unsatisfactory state.*”

Alemã.

Qual a razão para este tratamento bastante amistoso, se doze anos depois Carl Menger atacaria estes mesmos economistas com bastante vigor, inclusive buscando polemizar com eles? Uma possível resposta para esta pergunta está no contexto de publicação desta obra, no início da década de 1870.

Em 1871, Carl Menger tinha trinta e um anos de idade. Tinha completado sua educação superior apenas recentemente. Para conseguir avançar em sua carreira acadêmica, a sua obra devia ser motivo de debate, bem como de elogios, por parte do ambiente acadêmico em língua alemã.

Todavia, não houve, de maneira nenhuma, esta recepção que pretendia. Conforme observou Friedrich Hayek, na introdução ao livro “*Principles of Economics*” (2007, p. 21):

[...] a recepção imediata do livro [“*Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*”] dificilmente pode ser chamada de encorajadora. Nenhum dos críticos dos jornais alemães parece ter percebido a natureza de sua contribuição [para a ciência econômica]. Em sua casa, Menger, em sua tentativa de obter, por meio da força de seu trabalho, a função de palestrante (*Privatdozentur*) na Universidade de Viena obteve sucesso apenas após algumas dificuldades. [...] Böhm-Bawerk e Wieser, seus primeiros [...] discípulos, nunca foram seus pupilos diretos, e sua tentativa de popularizar as doutrinas de Menger nos seminários dos líderes da [...] Escola Histórica, Knies, Roscher e Hildebrand, não produziram frutos.¹²⁵

Em outras palavras, apesar de ter conseguido sua habilitação para lecionar na Universidade de Viena como docente privado, sua tentativa de ter sua obra discutida e elogiada no ambiente acadêmico alemão falhou.

A partir desta discussão, pode-se afirmar que o tratamento amistoso que Carl Menger concedeu aos economistas alemães na obra “*Principles of Economics*” e, principalmente, a dedicatória da obra ao economista alemão Wilhelm Roscher foi uma tentativa de chamar a atenção para sua obra, de modo a progredir em sua carreira acadêmica.

Na segunda obra, o “*Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to economics*”, publicado em 1883, o tratamento é

125 Tradução livre do inglês “*But the immediate reception of the book can hardly be called encouraging. None of the reviewers in the German journals seem to have realised the nature of its main contribution. At home Menger’s attempt to obtain, on the strength of this work, a lectureship (Privatdozentur) at the University of Vienna succeeded only after some difficulty. [...] Böhm-Bawerk and Wieser, his first and most enthusiastic disciples, were never his direct pupils, and their attempt to popularise Menger’s doctrines in the seminars of the leaders of the older historical school, Knies, Roscher, and Hildebrand was fruitless.*”

completamente invertido. Dos elogios e das referências amistosas aos economistas alemães, Menger passou a um ataque agressivo a estes economistas, acusando-os de parciais, de utilizar a autoridade acadêmica de maneira indevida, ignorando e silenciando críticas às suas obras e, de forma explícita, escrevendo de uma forma polêmica contra eles.

Uma possível razão para esta mudança no tratamento de Carl Menger aos economistas alemães, mais uma vez, está no contexto de produção desta obra.

Em 1883, Carl Menger, então com quarenta e três anos de idade, já havia chegado ao topo da carreira acadêmica, uma vez que já era professor ordinário, logo, tendo salário e estabilidade em seu emprego. De certa maneira, Carl Menger conquistou a liberdade de pensamento dentro da academia austríaca. Acerca desta liberdade e estabilidade como professor universitário, o escritor austríaco Erik Ritter von Kuehnelt-Leddihn, comentou (1999, p. 3):

A liberdade para ensinar era ilimitada. Mesmo um professor que, ao invés de lecionar, lesse jornais, não poderia ser demitido. Todo professor [ordinário] tinha mandato até a idade de sessenta e cinco ou sessenta e sete anos, quando ele se aposentava ganhando oitenta e dois por cento de seu salário final. As qualidades de um professor como um educador não tinha nenhum peso: o professor não era um educador, mas um intelectual que dava aos seus estudantes a chance de ouvi-lo.¹²⁶

Dessa forma, pode-se afirmar que, por ter ampla liberdade de ensinar e, acima de tudo, estabilidade em seu emprego, Carl Menger poderia fazer suas obras sem ter o objetivo de agradar a todos, ou mesmo esperar que sua obra fosse discutida no meio acadêmico. Logo, a sua escrita polêmica dirigida aos economistas da Escola Histórica Alemã era um produto desse ambiente bastante livre para sua ação.

Além disso, Carl Menger, ao contrário da situação da publicação de sua primeira obra, não corria o risco de passar despercebido pelo ambiente acadêmico alemão e austríaco, uma vez que, desta vez, ele teria discípulos que defenderiam sua obra, capitaneado, conforme observado por Friedrich Hayek (op.cit, p. 21), por Eugen von Böhm-Bawerk e Friedrich von Wieser, ambos que, pela metade da

126 Tradução livre do inglês “*The freedom to teach was limitless. Even a professor, who, instead of lecturing, read newspapers, could not be dismissed. Every professor had tenure up to the age of sixty-five or sixty-seven, when he had to retire at eighty-two percent of his final salary. The qualities of the professor as a teacher bore no weight: The professor was expected not to be an educator, but a scholar who gave the students a chance to listen to him.*”

década de 1880, já eram professores universitários, Böhm-Bawerk na Universidade de Innsbruck, Wieser na de Praga (HÜLSMANN, op.cit, p. 143 e 153).

Por fim, a partir destas discussões, pode-se responder, de maneira resumida, a problemática construída nesta monografia: Na primeira obra, Menger tratou os economistas da Escola Histórica Alemã de maneira amistosa, considerando-os como grandes influenciadores de sua obra. Na segunda obra, tratou-os a partir de uma posição de mesmo poder acadêmico, logo, de uma grande liberdade de tratamento. O resultado disso, conforme visto foi de um ataque agressivo não apenas sobre as posições defendidas pelos economistas da Escola Histórica, mas também sobre os próprios economistas, o que iniciou a grande “Polêmica dos Métodos”, ou, na língua alemã, o *Methodenstreit*.

Antes de encerrar este último capítulo e passar para as considerações finais deste trabalho, seria interessante traçar, brevemente, o caminho percorrido por essa exposição.

No primeiro capítulo, foi trabalhado o contexto histórico em que Carl Menger viveu, tendo como foco a estrutura da Universidade de Viena ao final do século XIX e suas contribuições para a ciência econômica, marcado pela sua Teoria do Valor Subjetivo, construída no ambiente da chamada “Revolução Marginalista”.

Por fim, neste segundo capítulo, foram trabalhados, de maneira breve, os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia (Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies) e a metodologia de Carl Menger para as ciências econômicas, e, de maneira mais profunda, o seu tratamento dos economistas da Escola Histórica Alemã de Economia, que era o objetivo central deste estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se chegar ao final deste trabalho, é importante para o leitor e para o autor, percorrer, de maneira breve e rápida, o caminho desta análise, que teve como objeto central de pesquisa o tratamento que o economista Carl Menger deu aos economistas alemães.

No primeiro capítulo, que tinha como objetivo principal apresentar ao leitor o contexto histórico de produção das obras de Carl Menger, ou seja, uma breve referência ao Império Austro-Húngaro, à cidade de Viena, e, principalmente, uma referência à Universidade de Viena ao final do século XIX. Além disso, procurou-se apresentar, na segunda parte do primeiro capítulo, como sua obra econômica se localizava na história do pensamento econômico, partindo de sua Teoria do Valor, sua principal contribuição à ciência econômica.

Sobre o Império Austro-Húngaro no século XIX, percebe-se que, apesar deste Império procurar se adequar ao pensamento liberal amplamente disseminado na Europa, o poder político do imperador permanecia bastante forte, bem como sua influência na sociedade, principalmente na Universidade. Sobre a Universidade, criada no século XIV, principalmente a característica de se ofertar poucos cursos ao aluno (Direito, Artes, Teologia, Medicina). Além disso, algo que foi uma das principais descobertas dessa pesquisa está no fato da difícil entrada de um professor nessa Universidade, tendo que inclusive passar pela aprovação do próprio Imperador, o que exemplifica sua influência na sociedade austro-húngara do século XIX.

Na segunda parte do capítulo, sobre a Teoria do Valor de Carl Menger, o caminho histórico percorrido era maior, começando com as noções sobre o valor defendidas pela Escola Clássica de Economia, que teve como representante Adam Smith, David Ricardo, Nassau Senior e John Stuart Mill. Para esta Escola, o Valor, na economia, era essencialmente *objetivo*, procurando ser explicado a partir, principalmente em David Ricardo, do trabalho efetuado sobre um produto.

Grosso modo, para Carl Menger, ao contrário da Escola Clássica de Economia, o Valor não seria *objetivo*, mas *subjetivo*, enfatizando a relação do agente econômico (o ser humano) com o objeto. Desta forma, o objeto apenas adquire valor quando tal objeto, conforme estabeleceu Menger, oferece para o agente uma possibilidade de satisfazer suas necessidades, desde que ele estivesse com a posse ou, como escreveu Menger, o “comando” deste objeto. Apesar da importância desta

nova Teoria do Valor, é necessário frisar que o economista austríaco desenvolveu esta teoria no contexto da chamada “Revolução Marginalista”, em que William Stanley Jevons e León Walras, através de metodologias e perspectivas teóricas diferentes, formularam teorias similares a de Menger.

No segundo capítulo, que teve como objetivo central responder a problemática enunciada na introdução a este trabalho. Em outras palavras, procurava responder a seguinte pergunta: “De que forma Carl Menger tratou os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia em suas obras?”. Para conseguir responder a esta pergunta, era necessário fazer um breve histórico desta escola, além de fazer uma breve referência aos pontos divergentes entre essa escola e Menger, para depois, com a análise das fontes, ter uma base mais definitiva para compreender este tratamento.

Na primeira parte do capítulo, observou-se que a Escola Histórica Alemã de Economia, que teve como principais membros Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand, Karl Knies e Gustav Schmoller, tinham um projeto ambicioso para com a ciência econômica. Este projeto consistia na reconstrução da ciência econômica através do chamado “Método Histórico”, que consistia em uma profunda análise histórica para compreender a economia. Para conseguir isto, fizeram várias críticas ao método dos economistas da Escola Clássica de Economia, principalmente a um uso incessante da abstração como ferramenta de análise, sem se preocupar com o lado histórico da Economia.

Para Carl Menger, em sua crítica aos economistas da Escola Histórica Alemã, por outro lado, deve-se ter uma divisão bastante clara da ciência econômica, que seria composta das ciências *teóricas*, que buscariam estabelecer “leis” (de validade universal) para os fenômenos econômicos, das ciências *históricas*, com o objetivo de compreender os fenômenos econômicos em sua singularidade histórica (ou, como estabeleceu Menger, em sua “individualidade”), e, finalmente, as ciências *práticas* da economia, com o objetivo de auxiliar o governo na condução da política econômica de uma nação.

A partir desta divisão, Menger defende que os métodos *teóricos*, mesmo os defendidos pela Escola Clássica de Economia, seriam válidos para o estudo das ciências *teóricas* da economia. Além disso, criticava a tentativa de reconstruir a ciência econômica por parte dos economistas alemães, uma vez que os métodos históricos que defendiam eram insuficientes para o estudo da economia,

principalmente em seu lado *teórico*, ou seja, de formulação das leis econômicas.

Por fim, uma última consideração sobre as observações de Menger para as ciências sociais está na questão da “compreensão orgânica da sociedade”. Em essência, o Estado, as Línguas, a Lei, entre outros fenômenos, surgem não de uma lei ou de um contrato específico, mas de um longo processo, envolvendo o costume e as atitudes das pessoas, partindo de ações individuais.

Passada esta contextualização sobre os economistas da Escola Histórica Alemã e sobre as observações teóricas e metodológicas para ciência econômica feitas por Carl Menger, passou-se a estudar, de mais perto, o seu tratamento a estes economistas, bem como a outros economistas alemães. Tal estudo baseou-se nas duas obras que ele publicou: os “Princípios de Economia Política” e as “Investigações sobre o Método das Ciências Sociais com uma referência especial à economia”, sendo que foram utilizadas as últimas publicações destas obras na língua inglesa.

Observou-se que neste tratamento, e esta foi uma importante descoberta neste trabalho, que Carl Menger tratou os economistas alemães de uma maneira muito diferente, ao se comparar as duas obras. Na primeira obra analisada, os “Princípios de Economia Política”, percebe-se que ele tratou favoravelmente os economistas alemães, inclusive se colocando na condição de um mero “colaborador” das contribuições alemãs para a economia política. Se se ficasse apenas na leitura desta obra, ficaria notória uma postura elogiosa do economista austríaco para com seus pares alemães. Na segunda obra, estes elogios aos economistas alemães são deixados de lado por Menger. Muito pelo contrário, há um ataque bastante forte não apenas aos pressupostos teóricos dos economistas alemães, mas inclusive aos intelectuais alemães em suas pessoas, algo que inclusive foi admitido pelo próprio Menger ao final de seu prefácio.

Depois destas considerações, devem-se fazer breves comentários sobre possíveis futuros desta pesquisa, bem como da sua importância para os tempos atuais, especialmente no estudo da história da Escola Austríaca de Economia.

Primeiramente, é necessário enfatizar que nunca foi uma pretensão desta pesquisa encerrar a discussão sobre o tratamento que Carl Menger deu aos economistas alemães, nem sobre o debate que eles travaram. Muito pelo contrário, este trabalho abriu novas perspectivas para trabalhar este tema em pesquisas futuras, seja no meio acadêmico, ou mesmo como um passatempo pessoal deste

autor.

Dentre estas perspectivas, a que mais se pronuncia é a inversão do eixo da análise desta pesquisa. Em outras palavras, ao invés de se procurar o tratamento dado aos economistas alemães por parte de Carl Menger, algo que foi feito neste trabalho, deve-se trilhar o caminho inverso, procurando, nas obras dos economistas alemães, referências ao economista austríaco. Desta forma, uma posterior pesquisa sob estes trilhos iria complementar o presente trabalho.

Uma segunda linha de pesquisa que pode sair do presente trabalho encontra-se em uma análise dos livros de Carl Menger em sua língua original: o alemão. Conforme demonstrado na introdução a este estudo, entendeu-se que seria melhor trabalhar com suas últimas traduções para o inglês, devido ao conhecimento insatisfatório por parte do autor deste estudo. Desta forma, o trabalho com os livros em sua língua original seria de muita utilidade para o avanço desta pesquisa, principalmente se for observado a maneira como as traduções para o inglês foram confeccionadas, e se houve alguma mudança na estrutura dos dois livros.

Uma terceira linha de pesquisa que pode ser aberta a partir deste estudo envolve os outros economistas da “Escola Austríaca de Economia”, e como eles tratam os economistas da Escola Histórica Alemã de Economia em suas respectivas obras. Desta forma, poderiam ser observadas as diferenças e as permanências de tratamento nos grandes economistas desta escola, particularmente naqueles mais próximos ao contexto estudado neste trabalho, que é o final do século XIX. Assim, as leituras das obras de Eugen von Böhm-Bawerk e Friedrich von Wieser seriam de grande utilidade para o avanço desta pesquisa.

Ao final desta pesquisa, ainda é de se impressionar quando se estuda a figura de Carl Menger. Com sua atividade, ele erigiu, quase que sozinho, uma escola de pensamento que até hoje continua trabalhando incessantemente para o aprofundamento de sua obra. Em suma, a figura de Carl Menger, ao menos para os economistas da Escola Austríaca de Economia, está longe de morrer. Como muito bem resumiu o economista norte-americano Joseph T. Salerno (1999, p. 71): “A economia Austríaca sempre foi, e sempre permanecerá uma economia *Mengeriana*.¹²⁷”.

127 Tradução livre do inglês “*Austrian economics always was and will forever remain Mengerian economics.*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

MENGER, Carl. *Investigations into the Method of the Social Sciences with Special Reference to Economics*. Nova Iorque: New York University Press, 1985. Disponível em: https://mises.org/system/tdf/Investigations%20into%20the%20Method%20of%20the%20Social%20Sciences_5.pdf?file=1&type=document. Acesso em 09 jun. 2017.

_____. *Principles of Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. Disponível em: <https://mises.org/library/principles-economics>. Acesso em 09 jun. 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Fábio. *História do Debate do Cálculo Econômico Socialista*. 2004. 147 f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-15042009-165427/pt-br.php>. Acesso em 09 jun. 2017.

CONSTANTINO, Rodrigo. *A Economia do Indivíduo: o Legado da Escola Austríaca*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

COX, Jim. *The Concise Guide to Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. Disponível em: <https://mises.org/library/concise-guide-economics>. Acesso em 09 jun. 2017.

DINGWALL, James; HOSELITZ, Bert. Translator's Preface. IN: MENGER, Carl. *Principles of Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. p. 37-40.

FEIJÓ, Ricardo. *Economia e Filosofia na Escola Austríaca*. São Paulo: Nobel, 2000. Disponível em: <http://tmtfree.hd.free.fr/albums/files/TMTisFree/Documents/Economy/libertarianismo/rfeffa.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017.

GIDE, Charles; RIST, Charles. *A History of Economic Doctrines: From the Physiocrats to the Present Day*. Londres: George P. Harrap, 1915. Disponível em: <https://archive.org/details/historyofeconomi00gideiala>. Acesso em 09 jun. 2017.

GOFF, Jacques Le. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, s/d.

GOMES, Luiz Souza. *Dicionário Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

GRAY, Alexander. *The Development of Economic Doctrine: An Introductory Survey*. Londres: Longmans, Green and CO., 1956. Disponível em:

<https://mises.org/library/development-economic-doctrine-introductory-survey>. Acesso em 09 jun. 2017.

HAYEK, Friedrich August. *Introduction*. IN: MENGER, Carl. *Principles of Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007, p. 11-36.

HAYEK, Friedrich August (ed.). *Collected works of Carl Menger* (4 volumes). Londres: *London School of Economics*, 1936. Disponível em: <https://mises.org/library/collected-works-carl-menger-german-four-volumes>. Acesso em 09 jun. 2017.

HÜLSMANN, Jörg Guido. *Mises: The Last Knight of Liberalism*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. Disponível em: <https://mises.org/library/mises-last-knight-liberalism-0>. Acesso em 09 jun. 2017.

JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. *Wittgenstein's Vienna*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1973. Disponível em: https://monoskop.org/images/1/13/Janik_Allan_Toulmin_Stephen_Wittgensteins_Vienna.pdf. Acesso em 09 jun. 2017.

KUEHNELT-LEDDIHN, Erik Ritter von. *The Cultural Background of Ludwig von Mises*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1999. Disponível em: <https://mises.org/library/cultural-background-ludwig-von-mises>. Acesso em 09 jun. 2017.

LANGE, Oskar. *Moderna Economia Política: Problemas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

LEAL, Diogo Valente. *A Bolha imobiliária: a Expansão artificial do crédito como fator determinante no seu surgimento segundo a visão austríaca dos ciclos econômicos*. 23 f. Monografia (Graduação em Economia) – Salvador: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia., 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9802/1/TCC%20DIOGO%20VALENTE%20LEAL.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017.

MERQUIOR, José Guilherme. *O Liberalismo: Antigo e Moderno*. São Paulo: É Realizações, 2014.

MISES, Ludwig von. *The Austrian School of Economics*. IN: GRAVES, Bettina Bien (ed.) *Austrian Economics: An Anthology*. Irvington on Hudson: Foundation for Economic Education, 1996, p. 77-84. Disponível em: <https://fee.org/resources/austrian-economics-an-anthology/>. Acesso em 09 jun. 2017

_____. *Memoirs*. Auburn: Ludwig von Mises Insitute, 2009. Disponível em: <https://mises.org/library/memoirs>. Acesso em 09 jun.2017.

ROLL, Eric. *História das Doutrinas Econômicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROTHBARD, Murray. *O Essencial von Mises*. São Paulo: Instituto Ludwig

von Mises Brasil, 2010. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Murray-Rothbard-O-Essencial-Von-Mises.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017.

SALERNO, Joseph T. *Carl Menger: The Founding of the Austrian School*. IN: HOLCOMBE, Randall G. (org.). *Fifteen Great Austrian Economists*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 1999, p. 71-101. Disponível em: https://mises.org/system/tdf/The%20Great%20Austrian%20Economists_2.pdf?file=1&type=document. Acesso em 09 jun. 2017

SCHNEIDER, Louis. Introduction. IN: MENGER, Carl. *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to Economics*. Nova Iorque: New York University Press, 1985. p. 1-21.

SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle: Política e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHULAK, Eugen Maria; UNTERKÖFLER, Herbert. *Austrian School: An History of its Ideas, Ambassadors and Institutions*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2011. Disponível em: <https://mises.org/library/austrian-school-economics-history-its-ideas-ambassadors-and-institutions>. Acesso em 09 jun. 2017.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *History of Economic Analysis*. Londres: Allen e Unwin, 1954. Disponível em: <http://sttpml.org/wp-content/uploads/2015/08/schumpeter-history-of-economic-analysis-schumphea.pdf>. Acessado em 09 jun. 2017.

SCOTT, William A. *The Development of Economics*. Nova Iorque: D. Appleton-Century Company, 1933. Disponível em: https://mises.org/system/tdf/The%20Development%20of%20Economics_Vol_2_2.pdf?file=1&type=document. Acesso em 09 jun. 2017.

SEAGER, Henry Rogers. Economics at Berlin and Vienna [1893]. IN: GRAVES, Bettina Bien (ed.) *Austrian Economics: An Anthology*. Irvington on Hudson: Foundation for Economic Education, 1996, p.33-46.

SERPA, Luiz Gustavo Martins. *A Sociedade Aberta e seus amigos: O conceito de sociedade aberta no pensamento político de Popper, Schumpeter, Hayek e von Mises* 2007. 78 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-17122007-122743/pt-br.php>. Acesso em 09 jun. 2017.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SOTO, Jesus Huerta de. *A Escola Austríaca*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. Disponível em: <https://direitasja.files.wordpress.com/2012/05/a-escola-austrc3adaca-jesus-huerta-de-soto.pdf>. Acesso em 09 jun. 2017

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

WHITTAKER, Edmund. *Schools and streams of economic thought*. Chicago: Rand McNally & Company, 1960.

WHITE, Lawrence H. Introduction to the New York University Press Edition.
IN: MENGER, Carl. *Investigations into the Method of the Social Sciences with special reference to Economics*. Nova Iorque: New York University Press, 1985. p. vii-xviii.